

Resumo da Sagrada Ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo

Organização, introdução e notas de
António Bárbolo Alves
(Bolsista da Fundação para a Ciência e a Tecnologia
e do Ministério da Educação)

FICHA TÉCNICA

Título: *Resumo da Sagrada Ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo*

© Centro de Estudos António Maria Mourinho e António Bárbolo Alves

1ª Edição: Abril de 2008

Edições do Centro de Estudos António Maria Mourinho

Biblioteca Municipal

Rue de 1 Cumbento, s/n

5210-021 MIRANDA DE L. DOURO

centro.amm@gmail.com

<http://ceamm.no.sapo.pt>

<http://tpmirandes.no.sapo.pt>

1. Versões existentes no CEAMM

Deste Auto encontram-se no CEAMM sete cópias, todas dactilografadas. Estas cópias, nem todas completas, poderão não ser reproduções umas das outras. Porém, esse trabalho comparativo ainda não foi feito.

2. Origens

Este “colóquio”, juntamente com o *Auto da Paixão*, parece ter sido aquele que mereceu uma maior atenção da parte do investigador António Mourinho, a julgar pelo vasto conjunto de notas, manuscritas outras dactilografadas que se encontram no seu espólio¹. Numa destas notas manuscritas, que se encontra numa pequena folha solta, pode ler-se: “*Habent sua fata libelli*, já diziam os romanos. É verdade e o fado deste documento (?) levou-o do Bairro de Alfama para a Terra de Miranda [...] a ninguém, seus caminhos e sua história.”

Nenhuma das versões existentes no CEAMM indica um autor. O texto, escrito em português clássico e cuidado, remete-nos para os autores da chamada “escola vicentina”. Ora, as listas deste teatro indicam-nos um *Auto da Ressurreição de Cristo*, escrito por António Pires Gonge, diácono e escritor dramático, que viveu no fim do século XVI e início do século XVII, mas cujos textos não chegaram até nós. Será ele o autor deste auto? É bem possível que sim. Contudo, a nossa versão tem já muitos acrescentos que lhe foram sendo feitos, como é costume no Teatro Popular Mirandês pelos diferentes “regradores”. Como se poderá constatar pela edição interpretativa, são muitos os mirandesismos, assim como as formas do falar transmontano. No texto que aqui se apresenta, oriundo de Sendim, é bem provável que tenha havido acrescentos da autoria de regradores locais, muitos deles reveladores de um grande conhecimento da história bíblica.

3. Representações

Este auto foi representado em Algoz (Vimioso), em 1920, em Sendim, em 1928 (António Mourinho informa que o viu “representar várias vezes”, nesta localidade, sem indicar outras datas), em Caçarelhos, a 18 de Maio de 1952 e em Argoselo, em 1958 e também no dia 20 de Junho de 1982. A estas duas últimas representações assistiu António Mourinho que, convencido do valor destas do valor destas manifestações, defende que eles são um “elemento poderoso de cultura e instrução recreativa e educativa das massas populares”. Na representação de Caçarelhos foi utilizada a indumentária que servira para o *Auto da paixão*, que

¹ Estas notas serão identificadas, nesta edição interpretativa, pelas iniciais do autor: A.M.M.

subiu ao tablado em Duas Igrejas, em 1948. A ela assistiram cerca de 10.000 pessoas, “imóveis durante mais de três horas, sem importarem com o calor verdadeiramente sufocante daquela tarde de Maio.”² O texto foi “corrigido” e “orientado” pelo padre Manuel do Nascimento Fernandes, pároco daquela localidade. O mesmo padre dirigiu, em 1958, a representação de Argoselo.

² António Maria Mourinho, “Apontamentos sobre o *Auto da Ressurreição de Cristo*”, texto policopiado.

Pessoas que falam:

Profecia
Centúrio
Anaz
Caifaz
Pilatos
Um pajem
Nicodemos
José de Arimateia
Carcereiro
Cristo
Anjo
Maria Salomé
Maria Jacob
Maria Madalena
Senhora
Adão
Eva
S. Pedro
S. João
S, Tomé
Judas
Lúcifer
Estalajadeiro
Boticário
Lucas peregrino
Cleuras peregrino
Soldados
Música
Rabi azar
Satanás

PROPECIA

Depois de ser criada a terra e os céus
Como diz o profeta da Sagrada Paixão
Também hoje o diz o da ressurreição
Figuras saídas e temor dos judeus.

Tomei por dever e a cargos meus
Rasgar-vos o véu a ignorância
Explicar-vos como homem Deus
Ressurgiu do sepulcro com tanta elegância

Vejo em ti povo que tens confiança
Na doutrina do mártir da cruz
Imitai o exemplo do doce Jesus
Sofrendo os trabalhos com grande constância.

Passo a falar-vos da ignorância
Melhor vos direi do ódio e rancor
Que o senado judaico lhe tinha ao senhor
Que até no sepulcro lhe faz vigilância.

Anaz e Caifaz que têm a seu jus
Querendo abafar tão grande remorso
Vão a Pilatos para pedir-lhe reforço
Para guardar o corpo do humilde Jesus.

Este responde-lhe mui friamente
Fazei a vontade, ó povo maldito
Pois a meu ver fiz esse delito
Matando esse homem que era inocente.

Contemplem, senhores, o que for rancoroso
E vingativo com seu semelhante
Que pode este mundo deixar num instante
E ir habitar em lugar horroroso.

Irão sentinelas e centurião
Com ordem daqueles ministros da lei
Guardar-lhe³ o sepulcro daquele gran rei
Julgando estorvar-lhe a ressurreição

Jesus desce ao limbo os justos tirar
Que até esse dia os retém na prisão
Em seguida sai Judas também o Satão
Esse blasfema por não se salvar.

Maria Jacob e Maria Salomé
Que são companheiras de Maria Madalena
E a *mãe* de Jesus que é o tope⁵ da fé

³ Este -lhe é um reflexo pleonástico de tipo bem mirandês. (A.M.M.)

⁴ Cf. mirandês *mai*.

⁵ Tope em mirandês, em vez de “topo”, “cimo”. (A.M.M.)

Vão ungir o sepulcro mui cheias de pena.

Um anjo aparece como logo vereis
Assentado na lousa do sepulcro
Dizendo: cumprida é a nossa escritura
Deixai as tristezas e penas cruéis.

Alegrai-vos cristãos os que fordes fieis
Vede que o anjo não se enganou
Jesus não está aqui já ressuscitou
Ressurgi vós com ele se acaso podeis.

Aqueles saíões tão firmes na crença
De Isaac e Jacob que julgam segura
Prendem a José e lavram sentença
Só por dar a Jesus sepultura.

Depois que Jesus operou o milagre
Como logo vereis ó povo cristão
Vai direitinho visitar sua madre
Em seguida tirar a José da prisão.

E como esta obra se vai começar
Desculpem senhores a minha expressão
Sem a ninguém ofender e a ninguém magoar
Voltarei logo a dar conclusão.

SEGUNDA PARTE

Tomei por dever, ó povo cristão,
Explicar-vos a obra que se representa aqui
E como há um pouco não conclui
O resto direi da ressurreição.

Virá centúrio⁶ que está de vigia
Aos pontífices lhe diz, fizeste mui mal
Esse homem era sobrenatural
Ressurgiu como antes dizia.

Em Anaz e Caifaz estava ateadado
O ódio e rancor à ressurreição
Assalariaram a Centurião
Para que não dissesse o que tinha passado.

Depois que Jesus é ressuscitado
Aparece aos seus de muita maneira
Madalena o encontra a jardineiro
S. Pedro o encontra a perdoar-lhe o pecado.

Contemplem aqui os que forem altivos
Vede que a Pedro perdoou o pecado
Também o nosso é purificado

⁶ “Virá centúrio” é expressão familiar mirandesa, porque o mirandês julgava que Centúrio era nome de pessoa e não de posto militar, “o centúrio”. (A.M.M.)

Se com paciência formos sofridos.

Dois peregrinos representam também
Lucas e Cleofaz que vão a Emaús
Comentando a morte do doce Jesus
Que há três dias se deu em Jerusalém.

Com eles se junta um desconhecido
E quer seu caminho continuar
Lucas e Cleofaz o fazem entrar
Jesus se lhe escapa sem ser percebido.

Também Nicodemos escreve a José
Por pajem que é seu escriturário
Representa também Maria Salomé
Carcereiro, Pilatos e um Boticário.

E como dou fim ao meu razoado
Prestem senhores alguma atenção
A tão excelente mistério sagrado
E desculpem também a minha expressão.

*Fim da Profecia.
Música⁷.*

Jerusalém atrevida
Que será dos filhos teus
Praticaste um *duicídio*⁸
Mataste o teu próprio Deus.

Centúrio escuta e diz:

Oh que músicas tão tristes
Que assentos tão dolorosos
Faz tremer os corações
Aos homens mais furiosos.

Ao tempo que ouvi cantar
O coração me estremeceu
Julguei que era o que morreu
Que já me vinha a castigar.

Por ser quem o fui prender
E entregar aos fariseus
Acusado dos *incrêus*
Ao calvário foi morrer.

Pelos sinais conhecidos
Que se deram ao acabar
Quando estava para expirar
Na cruz que todos bem vimos.

O sol perdeu a sua luz
A terra se há ressentido
Ao dar o último suspiro

Esse a quem chamam Jesus.

O véu do templo se rasgou
As sepulturas se abriram
Os mortos delas ressurgiram
Ao tempo que Jesus expirou.

As aves seu canto debatem
A lua sangue verteu
Todas as pedras se partem
O mundo todo escureceu.

Vestiu-se a terra de luto⁹
Turvaram-se os elementos
Os astros se bem escuto
Transtornam os movimentos.

Árvores, plantas e flores
Animais brutos e feras
Demonstram os sentimentos
E manifestam as penas.

Enfim, tudo quanto abraça
A humana natureza
Tudo dá a conhecer
Que padece o autor dela¹⁰.

Tirai soldados as galhas
E os penachos, neste dia
No meio desta tristeza
Não pode haver alegria

Os soldados tiram as galhas e Centúrio manda pôr as armas em funeral e marcham a toque e vã-se. Saem os Pontífices a pedir guardas a Pilatos que está no seu pretório, diz o pajem para os Pontífices:

PAJEM
Dizei senhor o que quereis
Nenhum de vós seja usado
Se de Pilatos careceis
Eu lhe vou dar o recado.

ANAZ
D. Anaz e D. Caifaz
Ministros da nossa ceita
Precisamos de falar
Ao presidente da Judeia!

PAJEM
Esperai, senhores meus
Enquanto eu chego a ver
Se é que pode receber
Os pontífices Judeus.

⁷ Cântico em solfa. (A.M.M)

⁸ “Ducídio”, termo popular mirandês em vez de deicídio, que define no verso seguinte. (A.M.M.)

⁹ Em outras versões pode ler-se: “Vestiu-se a lua de luto”. (A.M.M.)

¹⁰ Dionísio Areopagita. (A.M.M.)

O Pajem sobe acima e diz para Pilatos:

Senhor, estão ali fora
À vossa ordem esperar
D. Anaz e D. Caifaz
Para convosco falar.

PILATOS
Diz-lhe da minha parte
Que subam podem entrar
Estarei às suas ordens
Se comigo querem falar.

O Pajem desce e diz aos Pontífices:

PAJEM
Meu senhor vos manda entrar
Mas com muita cortesia
Se é que queriam falar
Com a sua senhoria.

Subi, entrai sem temor
Falar com o adiantado
E tende com ele grande cuidado
Que vos pode causar horror.

Os Pontífices sobem e diz Anaz:

A ti, gran senhor, viemos
E razão é que te peçamos
Guardas e que as ponhamos
Ao sepulcro e vigiemos.

Porque aquele mau artilheiro
Feiticeiro, encantador
Não nos ponha noutra horror
Ainda maior que o primeiro.

Que certamente dizia
Pouco antes de acabar
Que havia de ressuscitar
Antes do terceiro dia.

PILATOS
Isso é desconfiança
Da vossa imaginação
Ainda o vosso coração
Não saciou a vingança.

Pois aqui mo entregastes
E o mandei a flagelar
Em altas vozes gritastes
Que o queirais crucificar.

Por cumprir vossas vontades
Foi por mim sentenciado
E por escárnio como rei
De espinhos foi coroado.

Enorme cruz fabricastes
E com ela foi carregado
Com peso tão *compativo*
Ao Gólgata foi levado
No cimo do calvário
Nessa cruz fio pregado.

Dando pelo caminho grandes quedas
Seu santo corpo chagado
Ali no mártir do Gólgota
Sem contradição foi encravado¹¹.

Outrora me obrigastes
A mandá-lo crucificar
Pois ainda agora quereis
Que eu vo-lo mande guardar.

Entre tantas agonias,
Três horas são decorridas;
Visteis todos que expirou
Seu corpo ficou *gelido*¹².

Contra ele haveis trazido
Um falsas acusações,
Por um preso então cativo
Barrabaz rei dos ladrões.

Ver o pobre de *linguinbos*¹³
Já com a vista privada
Apontou lhe com uma lança ao peito
Lhe vibrou uma lançada.

Depois foi crucificado
Entre o bom e o mau ladrão
E a par doutros escárnios
Lhe destes um bofetão.

Depois foi como louco despido
E com uma cana na mão
E eu o mostrei ao povo
Como se fosse ladrão.

Depois na rua da amargura
Sofrendo cruéis tormentos

¹¹ Esta quadra não condiz na rima com as outras, nem na redacção e parece que foi mesmo metida a martelo por algum *Regra*. O discurso já de si é longo e mais longo o fizeram para descrever a Paixão de Cristo, a fim de mais para mostrar a sua *sabença* do “Mártir do Gólgota”, palavra exótica para o bom povo analfabeto mirandês, título da obra com este nome, muito em voga na zona, escrita por Perez Escrich. (A.M.M.)

¹² Cf. infra, nota 20.

¹³ Estas quadras também devem ter sido metidas a martelo, e são cinco, pois o sentido é perfeito, terminando em “Barrabaz rei dos ladrões...” e indo a ligar em “...Barrabaz era o primeiro”, pois todo este discurso de Pilatos contido nestas quadras não mantém o sentido clássico do corpo do Auto. (A.M.M.)

Com pesada cruz às costas
Que fizeram vossos portentos¹⁴.

Porque era costume soltar
Pela Páscoa um preso qualquer
Julgando que soltáveis a Cristo
Nos dois vos dei a escolher¹⁵.

Barrabaz era o primeiro
Que eu vos tinha nomeado
Julguei que o escolhéis
Para ser crucificado.

E vós me respondestes
Que crucificasse a Cristo
Que soltasse tal ladrão e matador
Vendo em vós tal injustiça.

Eu fiquei com grande dor
Barrabaz este que digo,
Enganoso e falso e traidor
Ladrão por tal conhecido.

Dois homens me tem pedido
Eu lho tenho entregado
Esse corpo já cadáver
Para que fosse sepultado
E em guardar o *monumento*
Cumpri o vosso rogado.

Nas vossas mãos meu poder
Vos entrego e sou contento
E nisso do *monumento*
Disponde a vosso prazer.

Pois tanto mal vos oferece
Segundo haveis relatado
Tende nele gran cuidado
E fazei nele¹⁶ o que vos parece.

ANAZ
Parece-me isto acertado
Porque podem vir os seus
Esse cadáver roubar
E em seguida publicar
Que já é ressuscitado.

E que já subiu ao céu
Senhores por bom recado
Nunca ninguém se perdeu.

PILATOS
Ide com bem cuidados
O monumento guardar

A Centúrio o entregar
Com gente de bom recado.

Dizei que é por mim mandado
E que faça prestamente
Quando não, por negligente
O farei ser castigado.

Ide com meu mandado
A cumprir vossas tenções
Não venham esses ladrões
A roubar o sentenciado.

Que encravastes numa cruz
Depois digam que Jesus
De morto é ressuscitado

*Vão-se os Pontífices e sai o Centúrio com tropas. Faz
manobras e saem os Pontífices e diz para Centúrio:*

CAIFAZ
D. Centúrio meu amigo
Deus vos dê o galardão
Vou expor a minha razão
Atendei ao que vos digo.

Sabemos que vós quereis
Ser pago segundo vemos
Também pagar-vos queremos
Que mui bem o merecis.

ANAZ
Nós e o grande adiantado
Vos mandamos e com razão
Pois que sois forte varão
E homem mui avisado.

Que guardeis o monumento
Daquele que crucificamos
Porque dele certo estamos
Nos dará grande tormento.

Se não lhe pomos cuidado
Os seus o hão-de roubar
E em seguida publicar
Como fazem os *incrêus*
Que já é ressuscitado¹⁷
E que já subiu aos céus.

CENTÚRIO
Com todo o contentamento
Deligência e gran prazer
A mim me cumpre fazer
Todo o vosso mandamento.

Vão selar o monumento
Com fortes cadeias fechado

¹⁴ “potentos”.

¹⁵ “Nos dois vos dei a escolher”. Esta expressão “nos dois” parece mirandesa, *nos dous*. (A.M.M.).

¹⁶ Palavra riscada no original.

¹⁷ “resucitado”.

Que ainda vivo ou morto
Não sairá sem meu mandado.

Vão os Pontífices e Centúrio ao sepulcro e deitam-lhe umas cadeias por cima e diz Centúrio:

Manda o grande adiantado
E os pontífices de Alfama¹⁸
Que nem por obra nem por manha
Nenhum de nós seja usado.

Em bulir ou em mexer
Nestas cadeias e selos
Sobe pena que por elas
Nos farão na cruz morrer.

Vão-se os Pontífices e Centúrio coloca as “centinelas” e diz:

CENTÚRIO
Muito sentido soldados
A ninguém lhe *rinda*¹⁹ o sono
Também vela vosso dono
Com diligência e cuidado

Pois a nossa conta, conta temos
Negócio tão importante
Quando o morto se levante
Toda a diligência faremos.

Se não o deixarmos sair
Grandes honras ganharemos
Não nos deixando dormir
A ressurreição lhe estorvaremos.

Passado um pouco os soldados se “deixão” dormir, por uma porta os Pontífices, Rabi Azar por outra e diz Nicodemos:

Como fostes tão ousados
Sacrílegos falsamente
Matastes ao inocente
Que nunca fez um pecado.

Com os olhos de malmequer
Olhastes a quem vos quis

¹⁸ Muitas vezes repetido, o nome Alfama, o típico bairro de Lisboa, cercão de S. Vicente de Fora – o dirigir-se o Centúrio e Caifaz ao povo da “Nobre Alfama” e a “Alfama de grande nome” dá a entender que o Auto foi propositadamente feito para ser representado em Alfama e embora Afonso Álvares tenha composto o Auto de Santa Bárbara, escreveu autos religiosos para os cônegos de S. Vicente de Fora. Não creio que seja Afonso Álvares o autor deste auto. (A.M.M.)

¹⁹ Em mirandês o verbo render é *rendir*. Parece ter sido metido a martelo e substituído pelo termo português, “a ninguém lhe dê o sono”. (A.M.M.)

Perdestes o paraíso
Por quebrar a Lúcifer.

CAIFAZ
Pois assim o favoreces
Nós com razão o dizemos
Que se tal morte lhe demos
Tu outra maior mereces.

Não ouvís o que falou
Este grande encantador
Quem a ele o matou
Fará-te a ti²⁰ ainda pior.

Não porfies mais palavras
A favor deste traidor
Que todas as tuas falas
Causam-nos grande horror.

NICODEMOS
Oh falsários mal sabidos
Dignos de tão mau exemplo,
Como é que entraís no templo,
Sendo vós tão homicídios²¹.

Examinai a consciência
De tão público horror
Que matastes ao senhor
O pai de toda a clemência.

ANAZ
A ti quero aconselhar-te
Que não tornes aqui vir
Já que queres seguir
A Cristo com sua arte.

Tu e José de Arimateia
Seguis ambos esse estrago
Haveis de levar o pago
De ir na sua companhia.

NICODEMOS
Disso sou muito contente²²
E mesmo até vos agradeço
Não julgueis que estremeço
Por causar-me torrente
Era o Deus de alto preço
Hei-de seguir seu exemplo.

Vai-se e diz Caiús:

Senhores, deveis lembrar
Que José de *Arimatia*
Com sua louca fantasia

²⁰ Expressão mirandesa. Esta expressão mostra bem que estas duas estrofes não são do original. (A.M.M.)

²¹ “homicídeos”, por “homicidas”.

²² Em mirandês o adjectivo apresenta variação em género.

Seu corno foi sepultar.

E quando foi acusado
O conselho *contradisso*²³
É bastante só por isso
Deve ser bem castigado.

ANAZ
Vivas lágrimas chorava
Por seu Cristo lastimava
E olhando para o seu lado
Com angústia o contemplava.

Seu corpo frio e *gelido*²⁴
Como se fosse seu pai
Chorava com sua *mãe*
Acompanhando o gemido.

Suas chagas e *disciplinas*
De joelhos as beijava
Sua paixão contemplava
Até a coroa de espinhos.

Todos o viram ali
E com isto não contento
Deu-lhe ainda o monumento
Que ele tinha para si.

CAIFAZ
Vede agora o que vos parece
Pensai-o bem, nobre Alfama,
Da minha pequena chama
Um vulcão de fogo cresce.

Se este fica sem pena
Haverá muitos alterados
Que Cristo deixou enganados
Como fez à Madalena.

ANAZ
Vós falais discretamente
Ninguém deve duvidar
Todos vemos que José
Se deve encarcerar.

Eu sou desta opinião
Que morra crucificado
Visto que presta atenção
Às obras deste malvado.

E depois, sem dilação
Nosso concurso faremos
Todos juntos, nós veremos
Se morre ou fica em prisão.

Isto é meu parecer
Como cousa justa e santa
Pois a nossa lei quebranta
E deixamo-la ofender.

RABI AZAR
Eu digo que preso seja
Não tenhamos outro Cristo
Como todos haveis visto
Que alterou toda a Judeia.

Não consente Deus nem reis
Um varão de tão má fama
Mancha toda a nobre Alfama
E aos sábios lhe dá leis.

Se sofreis seu bravo esmalte
Entre rabinos doutores
Vejo que quereis senhores
Que a nossa lei quebre e falte.

Com a sua pregação
Desbonra toda a Judeia
Eu juro ao Deus de Abraão
Que há-de ir preso para a cadeia.

Aqui sai José de Arimateia e diz Ana:

Ali vem, fala em segredo
Saibamos com quem demanda
Ouve e dá resposta branda
Porque declare sem medo.

Sua velhaca intenção
Depois de manifestar
Que baixe logo nem tardar
Até entrar na prisão.

José vai-se chegando a ele e diz:

Eu fui certo sepultar
Aquele bondoso Jesus
Que vós quisestes sentenciar
E cravá-lo numa cruz.

À crua morte o acusastes²⁵
Sem provas e sem processo
Era fazer tão grande excesso
Contra um Deus vivo pecastes.

Sabeis em Jerusalém
As maravilhas que fez
Onde as profetizaram
Isaías e Moisés.

²³ Cf. mirandês *contradixo*.

²⁴ “Seu corpo frio e gelido” em vez de “gelado”, para rimar com “gemido” como era hábito no Século XVI, para forçar a rima. (AMM)

²⁵ Esta quadra e as duas seguintes são baseadas na *Acta de Pilatos*, Apócrifos, XV, 6, pág. 462. (A.M.M.)

Vivendo desta sorte
Com vida tão milagrosa
Sem estar culpado em cousa
Numa cruz lhe destes morte.

Em cujo falecimento
Parecia ser o Messias
Pois tremeu a terra e crias
Com todo o mais firmamento.

O sol a lua e estrelas
Perderam o seu resplendor
Mostrando que aquele Senhor
Era o imperador delas.

E o véu do santo templo
Quando fez o terramoto
Bem vistes como foi roto
Se quereis tomar exemplo.

Ainda que a vós parece
Não vou nada contra a lei
Mas presumo que é gran rei
Pois o céu lho agradece.

ANAZ
Pouco respeitais as leis
D. José a mim me parece
Quem assim o favorece
Sofrerá penas cruéis.

Senhores, todos ouvis
Esta sua relação
Mas o antigo rifão
Ditos que ele agora diz
Acusa o que “a língua fala
O que dita o coração”.

CAIFAZ
Eu queria aí chegar
Junto a vós, varão discreto
A dizer vos um segredo
Que mo não nosso calar.

Vai-se chegando a José:

Vós sois homem de tal fama
Que quereis toda a concórdia
Sem querer seguir discórdia
Entre os sábios desta Alfama.

Deita-lhe as mãos de repente e diz Caifaz:

Prendei-o sem dilação
Como falso escandaloso
E discípulo enganoso
Daquele público ladrão.

Rabi Azar vai de repente e prende-o com cordas e diz

Anaz:

Levai-o sem escutá-lo
Que na cadeia falará
E veremos se virá
O seu Deus de lá a livrá-lo.

JOSÉ
Folgo de ver me assim
Pois com angústia maior
Esteve aquele senhor
Numa cruz posto por mim.

Seu corpo cheio de feridas
E negro de maçaduras
Por cumprir as escrituras
E os ditos das *Professias*.

RABI AZAR
Atento seja o teu nome
Que lhe dás àquele ladrão
Sendo tu um judeu tão bom
Te enganasse tão mau homem.

Justo será que concorde
Cousa tão merecida
Já que o seguiste na vida
Segue-o também na morte.

Levam-no para a cadeia e diz Anaz:

Chama agora a Jesus Cristo
Que te tire essas algemas
Compadece-te das penas
Como em ti já temos visto.

Não se livrou ele a si
Pois o vimos padecer
Tu bem o podes crer
Que menos te livrará a ti²⁶.

Aqui chama Caifaz pelo carcereiro e diz ao sair o carcereiro:

CAIFAZ
Oh de casa, Oh senhor!

CARCEREIRO
Quem é que me está a chamar?

CAIFAZ
Quem precisa de falar
Consigo faça o favor
Aqui, senhor carcereiro
Vos entregamos com razão
Este grande feiticeiro
Metido aqui na prisão

²⁶ José de Arimateia ouviu aqui os mesmos sarcasmos que Cristo ouviu na cruz. (A.M.M.)

Se o deixardes escapar
Pena de morte tereis
E quando voltarmos por ele
Conta dele nos dareis.

CARCEREIRO
Podem ir descansados
Que quando queira sair
Eu lhe hei-de resistir
Com todos os meus olhados.

O carcereiro olha José com indiferença e diz:

CARCEREIRO
Ó desgraçado varão
Que na cadeia vais ficar
Para sempre aí estar
Metido nesta prisão.

ANAZ
Para ficar mais seguro
Este malvado sandeu
Seguramos bem as portas
E levarei as chaves eu.

CARCEREIRO
Quando voltarem por ele
Conta aqui hei-de dar
O preso lhe hei-de entregar
Assim faz quem é fiel.

Vão-se os pontífices e o carcereiro coloca-se em posição de guardar a cadeia e diz José:

Graças vos dou meu Senhor
Por quererdes que vos siga
A demora é inimiga
De triste morte e sua dor.

Vós fostes mui mal tratado
Sofrestes tanto por mim
Sofrerei Senhor por ti
O castigo resignado.

Fala o Tonto. Cala-se e ao mesmo tempo vai Cristo ao limbo a tirar as almas dos Santos Padres e cata Cristo o seguinte:

Glória et lauda et glória tibe²⁷

²⁷ Este é o hino *Glória Laus*, da procissão do Domingo de Ramos, estropiado pelo povo. Ver Revista Ocidente, nº 221, vol. II, pp. 65-73, meu trabalho intitulado “Hossanápio” (ver nota 50). (A.M.M.)

A versão, em latim, do hino é a seguinte: “Gloria, laus et honor tibi sit, rex Christe redemptor, cui puerile decus prompsit Hosanna pium. Israel tu rex, Davidis et inlyta proles, nomine qui in Domini, rex

Cerras criste redentor
Quiparile quecrononcio
Oçanápio.

Respondem dentro o seguinte:

Glória lauda e glória tibe
Cerras criste redentorui
Quiparile de croponcio.

CRISTO
Delum requeço rex David
Rex David requeçum palmas
Benedicimos e de berbo
E de cunque creata simo.

Dentro:

Glória lauda glória tibe etc.

Sai Lúcifer furioso e diz ao sair:

Saio a arder do Inferno
Cheio de raiva e furor
Com este meu viver eterno
Que causa espanto e terror.

Cá no abismo profundo
Passo eu cruel tormento
E com tanto enredamento
Farei guerra a todo o mundo.

O mundo inteiro e a terra
Tudo hei-de atropelar
Nem uma alma cristã
Do fogo se há-de livrar.

Que saio vomitando chamas
Que do inferno ouvi cantar
Julgo que eram as almas
Que me estavam a chamar.

CRISTO
Não são as almas dragão
Imperfeito lisonjeiro
Que tantos enredos farás
Contra teu Deus verdadeiro.

LÚCIFER
E quem és tu tão poderoso
Que rei da glória te chamas
Como nestas penas e chamas
Te mostras tão animoso.

benedicte, venis. coetus in excelsis te laudat caelicus omnis et mortalis homo, cuncta creata simul.”

Noutra nota, escreve António Mourinho: “Transcrevi do Missal romano o hino “Glória Laus”. Contudo, esta transcrição não se encontra no texto.

Mui maravilhado estou
De neste lugar te ver
Entra lá que hás-de sofrer
As penas que a todos dou.

Se tu querias governar
Cá no profundo abismo
Porque com teu *solucismo*
A ele me fizeste baixar.

Como assim há-de passar
Por tais vias e tais modos
Por esta maneira todos
Querem de mim zombar.

Pois isso dizes tu
Não me negues a verdade
Que logo por Barzebu²⁸
Condenaste-me a mim tu
Por cumprir tua vontade.

Muito deveras Messias
Ante ti mui agravado
Me queixo por muitas vias
De me teres condenado
Sempre te mostras cruel
Contra mim conquistador
E me fazes beber fel
Com meu profundo terror.

Soldados de minhas bandeiras
Que sim²⁹ vos dais a perdição
Vinde e vereis como eu
Aqui fino de paixão.

Sai Satanás e diz:

Ó capitão valoroso
Isto é que me atormenta
Estas vozes estes ecos
São quem a mim me dão guerra.

LÚCIFER
Tristes fúrias infernais
E lagos tristes profundos
Oh meus fogos desiguais
Que logo não abrasais
Com tristeza a todo o mundo.

SATANAZ
Vem e chega mais cá
Vilão e ensinar-te-ei

Vem cruel que marchou já
Estar aqui mais não poderei.

CRISTO
Príncipes³⁰ cheios de nojo
Carcereiros do profundo
Abri ao senhor do mundo
As portas e os ferrolhos.

Porque quero libertar
Os que lá dentro estão
Captivos pelo pecado
Do primeiro pai Adão.

LÚCIFER
E quem é que pode ter
Tão grande poder no mundo
Para tirar no profundo
O poder a Lúcifer.

Eu não posso saber
A que queres lá entrar
Ninguém te deixa tirar
Entra tu também a arder.

Isso é meu dever
Os que aqui vêm atormentar
E nenhum deixar passar
Sem o abismo ir ver.

Pois que me deste o poder
De no inferno atormentar
E em chamas abrasar
Os que possa cá trazer.

Pois tu não te podes escapar³¹
Nisto que agora te digo
Sem olhar a nenhum perigo
No fogo te quero lançar.

Ó cabrão arrenegado
O meu lugar pois deixei
Merecias ser pingado³²
Tem me tal ira tornado
Que veneno comerei.

CRISTO
Infernal desesperado
Se aqueles fogos ardentes
Sempre mal aventureiros
Sendo vossos tristes fados
Entre todos os viventes.

LÚCIFER
Renego do meu poder

²⁸ “Barzebu” por “Belzebu”. Os nomes mirandeses do demónio também são: Barzabú, demonho, demontre, demoncre, diabo, diacho, dialho, dianho, diancre, alma negra, alma necha ... (A.M.M).

²⁹ Palavra riscada.

³⁰ “Pricepes”.

³¹ Corrigido para: “Tu não podes escapar”.

³² Este verso foi omitido em uma das versões.

Que é tão curto e limitado
Corrido e envergonhado
Sem ninguém aqui me valer.

Sem mais aqui demorar
Ao inferno baixarei
Tal poder no mundo achei
Para os meus passos *conturvar*.

Funde-se.
Cristo dá um golpe às portas e abrem-se e Cristo tira-os
um por um e diz Cristo:

Vinde benditos para sempre
Caminhai atrás³³ da bandeira
Que eu vou na dianteira
Para a glória eternamente.

Adão de joelhos:

Adoro-te *magestade*
Deus eterno, verdadeiro
Crucificado num madeiro
Fostes mui mal tratado.

Mas por morrer assim
Cobrades todo o criado
Agora vindes por mim
Sem olhar ao meu pecado.

Eva de joelhos:

Adoro-vos imenso rei
Pela mercê³⁴ que nos fazes
Pois vindes fazer as pazes
Da guerra que eu causei.

A mercê que eu recebi
Não a posso agradecer
Pois vos deixastes vender
Para me comprar a mim.

S. JOÃO³⁵
Adoro-vos Rei supremo
Da glória celestial
Pois pagastes nosso mal
Que tão grande era em extremo.

S. TOMÉ
Adoro-vos doce Jesus
Rei de quanto haveis *creado*
Quisestes ser humanado
E por fim morrer na cruz.

CRISTO

Vinde sem mais demora
Vinde que me quero ir
Eis que aproxima a hora
De meu corpo resurgir

Vão-se e ao mesmo tempo sai Judas e Lúcifer com aparato e
diz Judas:

Onde vais consolador
Com essas almas tão puras
E deixas aqui a Judas
Este baixo e vil traidor.

CRISTO
Em que desesperarás
E me pedisses perdão
Eu também te perdoara
Como fiz ao bom ladrão.

Mas tu como invejoso
E com um beijo de traição
Entregaste-me aos Judeus
De todo o teu coração
Obraste mui cruelmente
Dos nascidos o pior
Padece penas e dor
Para sempre eternamente.

Vai-se Cristo com os santos e diz Judas:

Redentor a que vieste
A tão horrendo lugar
Vieste os santos libertar
Mais cruel pena me deste
Pois fico eu só a penar.

Ai de mim triste coitado
Que me deixa na prisão
E leva livre aquele Adão
Que a maçã tem mastigado.

Mas tu não desesperaste
Da misericórdia³⁶ de Deus
Por isso é que acompanhaste
E vais gozar com ele os céus.

Mas tu Judas que o negaste
Podendo-te ele perdoar
Que penas sem acabar
Sem que a tua vida se gaste.

LÚCIFER
Agora não tens remédio
Do mal que fizeste traidor
Pois trocaste por dinheiro
A teu mestre e teu Senhor.

³³ “Caminhai traz”.

³⁴ “merecê”.

³⁵ A.M.M. acrescentou “Baptista”.

³⁶ *Misericórdia* é a forma mirandesa.

Nas profundas do inferno
Tenho lá rico manjar
Para brevemente te dar
Para sempre fogo eterno.

A ti namorou-te o dinheiro
E as vaidades deste mundo
Agora serás cozinheiro
Lá no abismo profundo.

Eu sou teu competidor
Formoso e que não tem preço
Sabes bem que te conheço
Fala não tenhas temor.

Em ti já não há perdão
Pois a Lúcifer serviste
Nada não restituíste
Digno és de perdição.

Para sempre condenado
Nestas penas infernais
Em minhas chamas assentado
E ali bem afumado
Estarás para nunca mais.

No palácio de Satanaz
E na boca do *cerveiro*³⁷
Onde mui cruel *marteiro*³⁸
E tristes penas verás.

JUDAS
Que será de mim coitado
Abrasado em fogo eterno
Nas profundas do inferno
Mal querido e mal tratado.

Desespero
Como fui gerado eu?
Maldito seja meu pai
Maldito seja minha *mãe*
Porque vivo me nasceu.

E seja maldito eu
Neste fogo e nesta calma
Maldita seja a minha alma
E o corpo que a mim me deu.

LÚCIFER
Oh Judas que mal fizeste
Em não olhar quem eu sou
Que *amalditaste*³⁹ a teu pai

E uma *mãe* que te criou.

Judas já comigo vais
Que meu és já de razão
Vais entrar no caldeirão
Das cavernas infernais.

Já te não podes livrar
Por nenhuma via ou jeito
Ao inferno hás-de baixar
Pelos pecados que tens feito.

JUDAS
Que será de mim naquele dia
Que terrível o prevejo
Perante deus a quem dei o beijo.

Com esta boca tão maldita
Ai de mim, amargo de mim
Que farei a tais tormentos
Amargo porque nasci.

Ó quem não fosse nascido
Ou que não fosse mortal
Maldito seja o perdido
Fundura de tanto mal.

Maldito onde eu irei
Que folgança posso ter
Maldito posso dizer
O dia em que me gerei.

LÚCIFER
Vem inimigo ante mim
À minha cova escura
Aonde viveres em tristura
Com castigos sem ter fim.

JUDAS
Ó que tormentos e prisão
Feneceram feitos meus
Em mau poder dos judeus
Morri eu triste ladrão.

Os meus onze companheiros
Que já não o são agora
Serão me naquela hora
Onze lobos carniceiros.

Aqueles trinta dinheiros
Com que comprei minhas dores
Serão meus acusadores
E trinta cães traiçoeiros.

Com inveja de dinheiro
Vendi a Deus eternal
Vou pagar todo o meu mal
No tormento derradeiro.

³⁷ Forma antiga. O mesmo que Cérbero, cão tricéfalo que, segundo a mitologia, guardava a porta do Inferno.

³⁸ “Marteiro” em vez de “martírio” aparece mais vezes aqui no *Auto da Paixão* em vez de “martírio”, por exigência de rima. (A.M.M.)

³⁹ Por “amaldiçoas-te”.

Pois troquei a Deus por um beijo
Sendo eu a minha guarda
No meio do fogo arda
Maldizendo o meu desejo.

A ti te digo Lúcifer
Perdido por fantasia
Te rogo que noite e dia
Minhas penas me faças crescer.

LÚCIFER

Disso perde tu cuidado
Porque todos os tormentos
Que há nos meus aposentos
Não castigam teu pecado.

Irás ao inferno cruel
Darei-te lá mui bom lugar
Com todo o meu bravo fogo
Farei-te sair a pele.

Oh Judas, Judas traidor
Meu vassalo singular
Em fogo de alcatrão e resina
Farei-te logo lançar.

SATANAZ

Isso eu te afirmarei
E com tanto juramento
Em chamas de fogo te porei
Sem temer nenhum tormento.

Todo o povo cristão
Pessoas que estais presentes
Não vos escapais da mão
Com vossas faltas *prodentes*⁴⁰.

LÚCIFER

Tu és o maior pecador
Que temos cá no inferno
Pois vendeste a deus eterno
Que era teu mestre e senhor.

Eu fui, quem te aconselhei
A terrível tentação
E das penas que eu padeço
Eu te darei o galardão

Sofrerás no caldeirão⁴¹
Mil tormentos *esquesitos*
Com meu fogo de alcatrão
E resina bem aflito
E outras vezes de tição

Pelos séculos infinitos.

E todos os que lá estão
Os farei arrenegar
A eles e sua geração
E que reneguem do pão
Que comeram sem soar.

E logo sem mais tardar
O que mando há-de ser feito
E tu, Judas, pingando ou desfeito
Mais te hei-de atormentar.

JUDAS

Oh vida quem te deseja
Tu triste Judas lamenta
Com grande dor e tormenta
Digo que maldito sejas.

O dia em que eu fui nascido
E aquele em que eu fui formado
E maldito e prendido
Seja eu, pois fui nascido
Para tanto mal dobrado
Triste Judas que farei.

LÚCIFER

Espera que eu to⁴² direi
Pois já vós vos agastais
Por bem pouco vos queixais
Que ainda não vos toquei.

JUDAS

Que será de mim perdido
Que será de tal tristura
Para que fui eu nascido
Pois foi tal minha ventura.

Triste mundo enganador
Quem em ti faz cabedal
Faz tesouro infernal
És o mesmo acusador.

Qual será que a vida tem
Neste mundo com riqueza
Que podendo fazer bem
O não faz sem ter ninguém
Usando de mil fraquezas.

Já da vida os morgados⁴³
Como contínuo de prova
Não vão mais que até à cova
Na riqueza confiados.

⁴⁰ Esta expressão revela a ignorância popular que emprega termos sem reconhecer o sentido. Queria dizer: “Vossas faltas imprudentes”? (A.M.M.)

⁴¹ Esta estrofe e a seguinte “não figuram no texto de Caçarelhos. É bem visível a sua feição popular. É só no texto de Sendim. (A.M.M.)

⁴² “tu”.

⁴³ Esta queixa de Judas também não consta do texto de Caçarelhos, no entanto a sua redacção e composição poética é bem expressiva do autor. Só vem no texto de Sendim. Aqui Judas escarpeliza os Morgados confiados apenas nos bens materiais exclusivos do seu morgadio.

Oh se eu visse rematados
Aqueles lobos fariseus
Porque todos os bens meus
Foram por bens lançados.

LÚCIFER

No tempo não te acordaste
Bem avisado estarás
E tu porque não usaste
Disso que agora falaste
Teus erros aqui pagarás.

Não te lembras daquele dia
Quando foste a casa de Anaz
E juntamente a casa de Caifaz
Ali vendeste o Messias.

Nem sequer te lembras
Que era teu mestre e senhor
Por isso te condenaste
Logo assim que o entregaste
Com aquele beijo traidor.

Quando no seu cenáculo
Vos deu o pascal cordeiro
Só tu o grande *sandeiro*⁴⁴
Ofereceste teu pináculo.

Quando os outros discípulos
Preguntaram ao Messias
Se eles eram os traidores
Lhe falavam com clamores
E tu nada respondias.

Saíste sem mais dilação
Para entregar o teu senhor
Em casa de Anaz traidor
Foi a tua perdição.

Mete-o Lúcifer para o inferno e continua:

Grandes calamidades⁴⁵
Se espalharam pelo mundo
Nunca mais estará vazio
O meu abismo profundo.

Abimaleque para cingir a coroa
Degola sessenta irmãos
Também me faz já companhia
Que o devoro em minhas mãos.

Dalila modelo de pérfida
Vende seu esposo Sansão
Adonias e *praticida*
Ambas já no caldeirão⁴⁶.

Heli perdeu a Israel por suas baixeiras
Saul é devorado pelo inveja
Atália degola os primogénitos de Judá
Amã é incestuoso
Salomão chora amargamente
Os últimos anos da vida perdida.

Após o rei poeta surge em Israel
Dezanove tigres com a frente coroados
A terra tinge-se de sangue das vítimas
O povo com a cobiça
Empobrece-se dos seus tiranos
A virtude foge envergonhada
Da nação santa e escolhida

Depois segue Aristóbolo
Que matou sua *mãe* à fome
Hircano que quer usurpar
A coroa de seu pai
Em seguida a guerra civil⁴⁷
Devasta⁴⁸ a pobre Jerusalém
O estandarte de Pompeu
Percorre as *tribus* e por fim
Herodes cai sobre Israel
A sua terrível espada
Nada respeita e o templo de Sião
É manchado com o sangue das vítimas
E do justo Zacarias
Que não se encontram no mundo
Se não verdugos e assassinos
E com isto será cheio
Meu aposento infernal⁴⁹.

Fala o Tonto.

Vai-se e saem as três Marias e Nossa Senhora de luto e diz a Senhora:

Ai de mim que triste vive
Meu coração angustiado
Oh vida para que te quero
Sem ter o meu filho amado.

Dai-me vós, ó companheiras
Alguma consolação
Dai-me algumas esperanças

⁴⁴ Por “sendeiro”.

⁴⁵ Todo este monólogo, síntese da maldade e dos crimes da gente do povo hebreu, falta no texto de Caçarelhos. Aqui se verifica a cultura Bíblica da gente rural mirandesa nos séculos passados e Sendim tem fortes tradições hebreias, pela sua demografia, desde o século XV-XVI. (A.M.M.)

⁴⁶ Segundo a Bíblia, Adonias era um dos filhos de David. Contudo, não consta que ele tenha praticado nenhum crime e muito menos parricídio que nos parece ser a forma foneticamente mais próxima de “praticida”.

⁴⁷ “cevil”.

⁴⁸ “Devasta”

⁴⁹ É bem possível que nesta exposição de Lúcifer o autor se tenha inspirado no apócrifo “Vingança do Salvador”. (A.M.M.)

Se não morro de paixão.

MARIA JACOB

Se a minha satisfação
Chegasse para alegrar
O vosso triste coração
Não tardava em vo-lo dar.

Não vos deixeis dominar
Da tristeza e da agonia
Vós haveis de vos lembrar
Que vosso filho muito amado
Disse quando vivia
Que havia ser ressuscitado
Dentro do terceiro dia.

MARIA SALOMÉ

Cobrai pois vossa alegria
Consolai-vos com a esperança
Eu tenho nele confiança
Porque nunca nos mentia.

Se sofreis tanta agonia
Quando for ressuscitado
Há-de vir todo sarado
A dar-nos grande alegria.

SENHORA

Quando será esse dia
Que dê fim ao meu tormento.

MARIA MADALENA

Vamos ao monumento
Ver vosso filho querido
Eu quero que seja ungido
Com precioso e rico unguento.

Senhora, dai-nos licença
Para irmos a buscar
À botica aquela essência
Para Jesus embalsamar.

Tornaremos a voltar
Para aqui triste Maria
Iremos em companhia
O sepulcro visitar.

SENHORA

Pois ide sem demorar
Se vós isso desejais
Que eu não posso acompanhar
E grande gosto me dais
Trazei do mais fino unguento
Ainda que seja caro
E dissei-lhe ao boticário
Minha angústia e meu tormento.

Vão-se as três Marias e sai o Anjo cantando:

ANJO

Regina celi quetara
E do requeço, requeço arvorara
Aleluia, aleluia⁵⁰.

Fala para a Senhora:

Teu tormento se conclua
Deixa já de suspirar
Jesus vai já *ressucitar*
Alegre-se a alma tua.

Eu sou um seu mensageiro
Que te venho avisar
Cortando os ares ligeiro
Para aleluia cantar.

Limpa os olhos lacrimosos
E deixa já de suspirar
Despe todos esses nojos
Não tornes mais a chorar.

Prepara já os teus braços
Para quando Deus te veja
Que ver-te muito deseje
Por sarar teus *ambaraços*⁵¹.

Pois ele foi a resgatar
Os santos padres e Adão
Que no seio de Abraão
Juntos estavam a esperar.

Pouco poderá tardar
A sua ressurreição
Alegre podeis ficar
Cheia de consolação.

Vai-se.

SENHORA

Oh! Mensageiro formoso
De meu filho tão amado

⁵⁰ Neste estrofiado texto latino se verifica a nítida ignorância do nosso povo entregue a si mesmo (e nisto estará o folclore?). O grande Gil Vicente já regista em muitos passos dos seus autos este estrofiado do latim, como eu já registei no meu opúsculo “Hossanápio”, p. 72. Esta é a correcção do *Regina Coeli*: “Regina Caeli, Laetare / Quia quem meruisti portare / rexsurrexit sicut dixit – Aleluia, Aleluia.”

Cabe aqui dizer que em um dos antepenúltimos ensaios do *Auto da Ressurreição*, em Sendim, foi convidado um rapazinho com atitudes e formas de anjo para fazer o papel de Anjo da ressurreição e ao intimá-lo o regente a dizer *rexsurrexit sicut dixit* o jovem respondeu: Récocéco! alvorear!. Pois ficou com a alcunha de Récocéco para toda a vida e transmitiu-a aos filhos que ainda vivem e mantêm-na depois de morto, quando indicam a sua pessoa, já defunta. (A.M.M.)

⁵¹ Por embaraços. Ambaraço é mirandês puro. (A.M.M.)

Receberei com agrado
O meu Deus e meu esposo.

Mas diz-lhe a minha esperança
Que anseie⁵² meu coração
Que abrevie essa tardança
Se não morro de paixão.

Eu lhe farei seu leito
Onde descansa sem calma
Os lençóis serão⁵³ minha alma
Os travesseiros este meu peito.

Pois já sabe no dormir
Esse meu filho divino
Quando era pequenino
Como era o meu sorrir.

*Vai-se. Sai Lúcifer e diz:*⁵⁴

Alaridos infernais
Povoam o firmamento
Como eu e outros tais
Sofrendo grande tormento.

Que profundidade é esta
Que tantos nela temos entrado
É possível que todo o inferno
Não seja de condenados.

Só em pensar que estive
Naquela maior alteza
Do céu e que estou agora
Padecendo toda a pena
Sempre aqui metido
Sem ter fim minha promessa

⁵² “anseie”.

⁵³ “lençóis serem”.

⁵⁴ Esta retrospectiva diabólica em grande monólogo ensimesmado, que o queixoso Lúcifer aqui reproduz, também não aparece no texto de Caçarelhos. Este longo discurso quebra, julgo sem motivo, em teatro, a apreensão viva com que a assistência ansiosa depois da aparição do Anjo a Nossa Senhora e da veemência da Virgem Maria, a Cristo ressuscitado. Recordo ainda, que em Sendim, Lúcifer aparecia nesta cena com diferente guarda-roupa. Em vez da serpente que o envolve e os chifres que o coroam, a cauda que lhe pende do traseiro e o lume que deita pelos chifres, boca e orelhas, vem nesta altura vestido de fraque e chapéu de coco. Este monólogo não parece do mesmo autor do original, mas sim do princípio do século XIX ou fim do século XVIII. De facto, Lúcifer tinha razão para se lamentar porque a vitória de Cristo estava à porta e razão tinha S. Paulo para apostrofar: *Onde está; ó morte a tua vitória?* Mas este lamento de Lúcifer consta dos apócrifos (*Acta Pilati*, pp. 477 – VI (XXII) – VII (XXIII) – 478) – *Los evangelios apócrifos*, por Aurélio de Santos Otero, B.A.C., Madrid, 1956. (A.M.M.)

Também pensando que tive
Um trono tão belo de pedra
Lavrado com mil labores
De rosas que o rodeiam
Que claramente era meu
Ninguém impedir-mo poderá
E que agora estou sentado
Num brasão que atormenta
De chamas rodeado
Que arrojam minha consciência
Não com isto estou contento
Nem minha força p'r'aqui
Nem meu furor quebra alento
Porque perdida já vejo
A felicidade que aquele homem
Alcançara daquele reino
Onde eu fui em algum dia
Vassalo como primeiro
O herdeiro daquele trono
Pois sendo o anjo mais belo
Eu sou aquele em que Deus
Deu a sentença de desterro
E foi só por eu querer
Ser igual a Deus no respeito
E por dizer quem como eu
Com alguma reverência
Pude evitar o alto céu
Algumas palavras soberbo
Pois que em incapaz
Andava meu pensamento
Queria ser tanto ou mais que Deus
Ir aquela cadeira de assento
Com uma vela na mão
E com ela espíritos fazendo
Pois tinha eu mais que Deus
E mais que aquele trono belo
E todos participavam
De minha alteza e meu governo
Todos postos a meu lado
*Anuviavam*⁵⁵ um império
E logo que proferi
Estas palavras soberbo
Começou aquela chuva
E aquele espantoso exército
A cair com tanto assombro
Que alagavam os caminhos
Qual de baixo qual de cima
Sepultados neste fogo
Que ficamos obstinados
Onde todos padecemos
Sem quedar uns pelos outros
Iguais os nossos tormentos
Infundindo nossa raiva
Obrando nossos corpos
Queimando nossos dentes
E nossas carnes abrasando
Discorrendo mil opróbrios

⁵⁵ Por “nublar” ou “anuviar”. Cf. mirandês “anubrar”.

Que aumentam tormentos esquivos.

Pensando cousas lascivas
Dobrando nosso desvelo⁵⁶
Com cóleras e discórdias
E lembrando-nos do erro
Cometido por mim mesmo
Não tem fim este tormento
Mas ai! Infeliz de mim
Que prisão esta que tenho
Que cama é que me espera
Para descanso do meu corpo
Tão rodeado por vulcões
Nesta obscura caverna
E tão acendidos brasões
Óh que assento perdi eu
Para este que agora tenho
Que liberdade que passeio
Para o que antes eu tinha
Naquele trono de eminência
E naquele jardim de flores.

E de craveiros imensos
Ó que regalo era o meu
Para este que agora tenho
Que não pouco regalo
Pois tinha eu todo este
E agora não tenho mais
Liberdade nem passeio
Que é estar nesta prisão
Preso como um leão fero
Tomando eu mil pavores
E vendo cruéis tormentos
Passar a outros infelizes
Como passarem em mim mesmo
Vejo monstros tão horríveis
Tão horrorosos e feios
Que causam dor e espanto
Pois eu sou como eles
E desta maneira estou
Sem ter libertamento
Como leão encerrado
Neste obscuro centro.

Desde que veio aquele homem
Que baixou do próprio céu
E encarnou numa mulher
E sem detrimento nasceu
Nasceu este que digo
Que vinha para o remédio
Do grande pecado de Adão
Que cometeu naquele tempo
Que lhe proibiu a maçã
Ficou logo nu de seu corpo
Descoberto de toda a graça
E propôs Deus desde logo
Que o homem com seu suor

Havia de ganhar o sustento
Tão alto chegou o pecado
Que ao cabo de pouco tempo
Se mostraram tão ingratos
Tão incrédulos e cegos
Que não queria ser julgado
Nem que não havia Deus nem céu
Pois logo o senhor propôs
Como um dilúvio tremendo
A alagar todo o mundo
Com vento e água revoltos
Revelou-se então a Noé
Que encerrasse numa arca
Um par de cada terreno
E tendo já ele separado
Era já ele *transvento*
Passados quarenta dias
Mandou então uma pomba
Que o corvo não tinha voltado
Saíram e cresceu o mundo
Tanto que não houve remédio
De *servar* o pecado
Senão que encarnasse o Verbo
O que digo que baixou
Que vinha para os remédios
A educá-los e a ensiná-los
Com sua doutrina e exemplo
Mas não atendendo suas vozes
Nem crendo em seus mistérios
O fizeram morrer na cruz
E ele quis morrer por ele
Agora todos os cristãos
Crêem sua lei e mistérios
E daí celebram a missa
Com todos os seus documentos
Que o sacerdote se veste
E faz de pão o seu corpo
De um pouco de vinho o sangue
Daquele que dizem que há morto
Agora numa confraria
Fazem aquele sacramento
É quem a mim me faz arder
E me faz maior tormento
Pois já uma vez tentei
Destruí-la com enredos
E nada pude lograr
Tudo foi em vão repleto
Isto é quem a mim me abrasa
E me causa maior tormento
E as fúrias infernais
Os esquadrões do inferno
Soldados de minhas bandeiras
Capitães de meus exércitos
Como não abrasais mundo
Como não acendeis fogo
E vulcões que destruam
Tudo quanto há no mundo
Que já não podem minhas manhas
Já com minhas forças não posso

⁵⁶ “disbelo”.

Minhas potências mão alcançam
Tão pouco um entendimento.

Vai-se

Sai a Senhora e fica-se um pouco distanciada e ao mesmo tempo ressuscita Cristo com as cinco chagas e uma cruz com uma bandeira vermelha na mão e Centúrio e os soldados fogem espavoridos e diz ao sair Cristo:

Dê meu pai suas bênçãos
E as minhas sumo bem
Seja com todos ámen
Dentro dos vossos corações
Já três dias são passados
Que eu estava a adormecer
P'ra que não estejais a duvidar
Agora vos venho a ver.

Torna a si e diz o seguinte:

SENHORA

Oh padre todo-poderoso
Peço-te senhor com choro
Que volvas o tesouro
Aquele filho tão poderoso⁵⁷.

Torna-mo outra vez a dar
Pois minha alma assim o deseja
Que jamais e sem que o veja
Nunca me torno alegrar.

Maria chama: Pai⁵⁸
Glória minha ressuscita
Muito de ti necessita
Tua angustiosa *mã*.

Deixa já senhor os mortos
Anda vem meu filho e pai
Que te espera tua *mã*
Com os braços absortos.

Chega-se Cristo a sua mãe e diz Cristo:

Salve *mã* e salve esposa
Cessem já esses contrastes
Pois a carne que criastes
Aqui está vitoriosa.

As dores que na paixão
Recebeste tão penadas
Agora serão saradas
Com a minha ressurreição

O que me fez demorar
Ó minha santa madre
Foi o ter que ir a livrar

Ao limbo o primeiro padre.

Despedi o mais esquivo
Que no coração anda envolto
Já que me abraçaste morto
Abraça-me agora vivo.

Abraçam-se.

E vós *mã* dai-me essa paz
Que me destes naquele dia
Embrulhando-me num lençol
Beijando-me a boca fria
Sobre a tarde ao pôr-do-sol.

SENHORA

Ó Meu Filho e meu senhor
Sois meu pai e sois meu Deus
Vossa majestade adoro
Pois é tal o meu amor
Que em vos ter nos braços meus
Já se me foi o pranto e dor.

Agora tão contente
E alegre me vejo estar
Dá-me gosto de cantar
De vos ver resplandecente.

CRISTO

Mã de Deus, minha presença
Sempre vos será presente
Mas convém que me ausente
Se me dais vossa licença.

Para ir a consolar
A Maria Madalena
E a Pedro que em tanta pena
Ambos hão-de suspirar.

E aos outros seus aliados
Que choram minha paixão
E com a minha ressurreição
Hão-de ficar consulados.

Recebei a paz geral
Que breve sereis agora
Coroadas de *imperadora*
No reino celestial⁵⁹.

SENHORA

Vós tendes licença e mando
Sobre todo o firmamento
Justo é que deis contento
A quem está esperando.

⁵⁷ Corrigido para “precioso”. Cf. edição digitalizada.

⁵⁸ “Maria chama pai”.

⁵⁹ É bem nítida há séculos a crença popular portuguesa no mistério da assunção e glorificação de Maria coroadas *imperadoras* do reino celestial. (A.M.M.)

As vossas mãos meu senhor
Beijo eu com reverência
Sarou com vossa presença
Minha angústia e minha dor.

*Dá as mãos e beija-a e vai à cadeia onde está José e fica a
senhora e diz a Senhora:*

SENHORA

Mil graças te dou meu pai
Que meu filho me volveste
Com o qual o dom me deste
Que fosse virgem e *mã*.

Agora por me sarar
A dor da sua paixão
Com sua ressurreição
Aqui me veio consolar.

Vai -se a senhora e Cristo chega à cadeia e diz José:

Esconjuro-te pela lei
Pela vara de Araão
Pela doutrina de Abraão
E pelo nome de gran rei.

Diz-me se és varão
Ou por ventura fantasma
Que meu sentido se pasma
E se me altera o coração.

CRISTO

Não tenhas José temor
Olha eu quem posso ser
Não queiras tanto temer
Pois te venho dar favor.

Esta gente mal fadada
Por tu me dares sepultura
De ódio e inveja pura
A tua vida tem julgada.

E eu doendo-me de ti
Por saber como me queres
Não te espantes nem te alteres
Eu venho-te a livrar daqui.

Pois tu vês que não me vou
Segundo me esconjuraste
O grande rei que enterraste
Podes saber que eu sou.

JOSÉ

Se tu és rei do poder
Para eu ficar contente
Teu sagrado monumento
Te rogo que vamos a ver.

*Cristo abre a cadeia e toma a José pela mão e vão o sepulcro e
diz Cristo⁶⁰:*

Vês aonde me deixaste
Com fé que sempre tiveste
E o lençol que tu me deste
Quando meu corpo enterraste.

Este sudário é
O que meu corpo cobria
Vai -te esconder José
Na cidade de Arimateia⁶¹.

JOSÉ

Ó meu Deus e meu prazer
Filho do eterno pai
Humanado numa *mã*
Para poder padecer.

Tu quebraste os meus grilhões
Com o teu poder eterno
E também os do inferno
E outros tantos barões

Teus ombros que vejo são
Vi-os mortos por *intré*⁶²
Teus cravos com uma *troqueç*⁶³
Te tirei com minhas mãos.

Envolvi-te num lençol
Esse teu rico tesouro
Cuja majestade adoro
Ó resplandecente sol.

Vai-se e sai o carcereiro espantado e diz:

CARCEREIRO

Santos céus
Que será isto meu senhor

⁶⁰ Toda esta cena de Jesus com José de Arimateia é tirada do apócrifo denominado *Actas de Pilatos* ou *Evangelho de Nicodemos* pois na Baixa Idade Média e princípio da Renascença estiveram muito em voga os “Evangelhos Apócrifos”. Segundo a melhor crítica este apócrifo aparece só no século X em plena época carolíngia, mas a segunda parte remonta ao século II com o nome “*Descensus Christus ad inferos*” (ver Aurélio de Santos Otero, *Op. Cit.*, 1956). (A.M.M.)

⁶¹ Arimateia vem com frequência no fim do verso Arimatia, para rimar com outra palavra em *-ia*. Várias vezes ouvi discutir quando tinha 11 anos, em Sendim, durante os ensaios, o Regra e os figurantes se ouviam dizer Arimateia ou Arimatia e ficou resolvido, no fim, pronunciarem como Arimateia e mandarem a rima às malvas. Mas também recordo ainda na minha juventude quando em Sendim o Tiu Alfredo alfaiate e pai de 6 filhos fazia o papel de José de Arimateia e com rara nobreza declamava, os regradores lhe emendaram “Arimatia” por “Arimateia”. (A.M.M.)

⁶² Por “interesse”.

⁶³ Palavra mirandesa. Cf. português turquês.

Escapou-se-me o traidor
Que me entregaram os judeus.

Acode-me aqui depressa
Meu fiel companheiro
Que se escapou daqui
Este traidor feiticeiro.

Eu não posso saber
Como se pode escapar
Vou *desfexar* a porta
Para a cadeia examinar.

Faz que tira a chave do bolso e como não a encontra diz:

Já não tenho medo algum
Aos pontífices judeus
Já me saberei defender
Desses grandes fariseus.

Porque eles têm a chave
Da monstruosa prisão
Livro a responsabilidade
Com esta proclamação.

Vai-se e sai Maria Madalena:

Eu não sei isto que é
Não sossego um só momento
Sem ir ver o monumento
De Jesus de Nazaré.

Vai ver o sepulcro e como o vê vazão diz:

Ai triste da Madalena
Sobre todas esta dor
Que levaram ao meu senhor
Que farei com tanta pena.

Vai-se e no caminho encontra S. Pedro e S. João e diz:

Irmãos!...
Aonde vos caminhais
Com passo tão vagaroso
Dizei-me por vosso amor
Se ides a ver o repouso
Se nosso mestre e senhor
Já lá não o encontráis.

Porque eu de certo cheguei
Ao sagrado monumento
E voltei com gran tormento
Desde que vi que o não achei.

PEDRO

Tu que nos dizes Maria
O nosso mestre da escritura
Já não está na sepultura
Debaixo da campa fria.

Tu pudeste-te enganar
Vem connosco e todos três
Havemos de ver outra vez
Para nos *certeficar*⁶⁴.

S. JOÃO

Vamos nós a caminhar
Que eu já tenho muita pena
Deixemos a Madalena
Que ela vem mais devagar.

Ao menos por seu amor
Vamos ver o monumento
Grande foi o seu tormento
Ó meu deus e meu senhor.

Pelos tormentos passados
Com injúria e *deshonor*⁶⁵
Crede vós ó meu senhor
Que sejamos consolados.

Vão os três ao sepulcro e entram dentro S. Pedro e s. João e como não o encontram voltam outra vez e cantam os três:

Jesus Cristo não aparece
Aonde nós o buscaremos
Nossa alma se entristece
Tristes de nós que faremos.

Vão andando e cantam:

Vendo-nos desamparados
Madalena, Pedro e João
Como ovelhas desgarradas
E cheias de confusão.

Madalena, Pedro e S. João
Sem o seu mestre divino
Sua vida passarão⁶⁶
A chorarem de contínuo.

Aqui fala o tonto.

Sai Anaz, Caifaz e Rabi Azar e diz Anaz:

ANAZ

Senhores dai-me licença
Para dizer que está julgado
O réu e não mandado
Revogar esta sentença.

Porque toda a dilação

⁶⁴ Forma mirandesa. Cf. português “certificar”.

⁶⁵ Arcaísmo, falta de honra. Ainda existe este termo nas aldeias. (A.M.M.)

⁶⁶ “Sua vida passarão”, “Cantavam juntos Madalena, Pedro e João”. Eu ouvia na minha infância a meu pai que uma vez fez o papel de Maria Madalena, outras vezes o papel de S. João, contar: “Toda a vida andarão”. (A.M.M.)

A um processo empregado
Concede-lhe apelação
A qualquer pessoa *honrrada*.

CAIFAZ

Eu digo que se crucifique
É nosso dever e *honrra*
Para que nossa *deshonrra*
Pelo mundo se publique⁶⁷.

Que serviu a um feiticeiro
Que contradiz nossas leis
É que escandaliza os reis
Como Cristo o embusteiro.

ANAZ

Vistes já a confissão
De José e sua malícia
Acusam de grande justiça
Como de traidor ladrão.

Que morra crucificado
Como morrem os ladrões
Com trombetas e pregões
Siga-se o costumado.

CAIFAZ

A sentença foi bem boa
Não podia ser melhor
Mas devia ser maior
Para tão *honrrada* pessoa.

Pois nós todos desejamos
Havei conselho maduro
Isto já em obra o púnhamos
Pois o temos bem seguro.

Vamos pois ó nobre Alfama
A José crucificar
Depois que o venha a livrar
Aquele a quem tanto ama.

Ficará sem sepultura
Dependurado ali do pau
Pois a sua aquele mau
Por compaixão e ternura.

*Vão à cadeia A buscar a José e como não o acham diz
anaç:*

ANAZ

Viva o céu que não parece
Sem dúvida o ter furtado
Outros que o têm enganado
E assim o mal muito cresce.

Devemos muito sentir
Este mal que é tão profundo
Buscando-o por todo o mundo
Que se não possa encobrir.

Mas o que me admira céu
É ver tudo tão fechado
Portas janelas telhado
E tenho as chaves eu.

Certo sinto muito *afã*⁶⁸
Nestes casos meus senhores
Vamos a seus guardadores
A ver a conta que dão.

Vão a casa do carcereiro e este sai e diz

ANAZ

Dizei senhor carcereiro
Que é do preso que vos deixamos
Bem seguro vo-lo entregamos
Como vosso prisioneiro

Vós direis que não sabeis
Pois as chaves tenho-as eu
Mas como desapareceu
Alguma coisa direis.

CARCEREIRO

Eu não devo ser culpado
Nesse caso que é tão grave
Pois o senhor tem a chave
Vosso é o meu recado.

CAIFAZ

Diz mancebo sem temer
Se o viste desaparecer
Tu não temes o dizer
Que te pode causar horror.

Antes podes alcançar
Se publicas esta fama
Desta nobre e rica Alfama
Um magnífico lugar.

CARCEREIRO

Eu o que vi digo logo
E declaro-o sem paixão
Vi sair da prisão
Esta noite um grande fogo.

Fui chamar o camarada
Para nos inteirar melhor
Escapou-se o resplendor
E quando olhou não viu nada.

⁶⁷ No texto de Caçarelhos vem: “Pelo mundo se não publique”. (A.M.M.)

⁶⁸ Forma popular. Cf. português “afã” (substantivo masculino).

ANAZ

Cada um para sua casa
Deixemos este segredo
Que em verdade nos faz medo
Estas cousas que hão passado.

Dizemos certos senhores
Que estamos *certificados*
Que Cristo e seus aliados
Todos são enganadores.

*Fala o Tonto*⁶⁹.

*Vão-se e sai Maria Madalena, Maria Salomé, Maria
Jacob à botica e diz para o boticário:*

MARIA MADALENA

Senhor, dai-me um *inquento*⁷⁰
Que tenha cor de encarnado
Para ungir o sepultado
Que dorme no *monumento*.

MARIA SALOMÉ

Os vasos ei-los aqui
Mas senhor não faça alarde
Depressa que se faz tarde
A estas senhoras e a mim.

Dá-lhe os vasos ao boticário e diz Maria Jacob:

Não podemos esperar
Muito tempo aqui detidas
Mas não vá a falsificar
As unções que são pedidas.

O boticário levando os vasos e diz:

Quando sairdes daqui
Levareis satisfação
Que vos vou dar uma unção
A melhor que nunca vi.

Entra o Boticário pelas unções e diz:

Aqui tendes as unções
De uma cor mui excelente
Que conservam toda a gente
Os corpos sem corrupções.

*Deita-lha nos vasos e diz Madalena pagando ao
Boticário:*

Eis aqui o que tu queres
Estes florins de França
Deus te dê tanta ganância
Em tudo quanto venderes.

BOTICÁRIO

Depois de me haver pagado
Se tendes pressa senhoras
Podeis caminhar agora
A ungir o corpo finado.

E depois servir-vos cobiço
Aqui fico em minha tenda
Sem dinheiro e com fazenda
Estou pronto a seu serviço.

Olhai se quereis colecção
Eu vo-la encomendarei
E isto logo farei
Sem nenhuma dilação.

MADALENA

Deus vo-la pague senhor
Por nos dar fazendas boas
As nossas fracas pessoas
Ficam sempre ao seu serviço⁷¹
Para o que for do vosso agrado.

BOTICÁRIO

Fico-lhes muito obrigado
Senhoras, ide com Deus.

As três respondem:

E a vós guardem-vos os céus

Vão-se andando e diz Maria Salomé:

Irmãs, vamos caminhar
Senão chega a noite escura
E quem nos há-de levantar
A pedra da sepultura.

Pois com tanto trabalho
A pôs ali tanta gente
Quando o justo inocente
Ficou ali amortalhado.

MADALENA

Vamos sem nenhum temor
Esforcemo-nos amigas
Pelo nosso Deus Messias
Cresça nossa fé e amor.

MARIA JACOB

Demonstra-me o coração
Vê-lo já ressuscitado
E fica mais aliviado
Do peso desta paixão.

E não temais o revolver
Essa pedra tão pesada

⁶⁹ Riscado em uma das versões.

⁷⁰ Por “unguento”.

⁷¹ Esta forma foi riscada e substituída por “dispor”.

Que não nos custará nada
Faremos todo o poder.

Chegam ao sepulcro e aparece-lhe o Anjo a elas e se turvaram e diz o Anjo:

Chegai não vos escondais
Não tenhais medo ou temor
Sei que buscais o senhor
Do [a] glória que esperais.

A Jesus de Nazaré
Crucificado por mãos
De tantos Judeus pagãos
Não está aqui bem se vê.

As Marias olham o sepulcro e continua o Anjo:

Vossa vontade deseja
Saber se há ressuscitado
Segundo me foi mandado
Ide vê-lo à Galileia.

Mas ide a Pedro levar
E a sua companhia
Esta nova de alegria
Sem nada vos demorar.

Vai-se o Anjo e as Marias e sai Centúrio e os soldados manifestando aos Pontífices o que viu da ressurreição e diz Centúrio:

CENTÚRIO
Pontífices e mais senhores
Alfama de grande nome
O sepulcro daquele homem
Nos tem posto em mil temores.

Que vimos dentro do centro
Soberano terramoto
Pelo qual eu certo noto
Que vive o que estava dentro.

Melhor fora não feri-los
Com os cravos e a lança
Pois que do céu sem tardança
Envia Deus a servi-lo.

ANAZ
E essas visões presentes
Vão causar grande murmúrio⁷²
Pois fostes tão negligentes⁷³
Honrrado varão Centúrio.

Em sofrer essa campanha
Que estava a vosso mandado

Sem o prender ou matar
Por força, jeito ou por manha.

CENTÚRIO
Tanta foi a *turbação*
Daquelas visões presentes
Que eu senhor e minhas gentes
Ficamos sem coração.

Eu caí atribulado
E as sentinelas⁷⁴ também
Oh que grandes cousas tem
Esse homem crucificado!

Ao tempo de ressurgir
As estrelas resplandecem
E os nossos corações
De temor se estremecem.

CAIFAZ
Vós tendes conta que dar
Desse corpo sepultado
Pois vos demos o mandado
E selo para o selar.

Se o deixastes escapar
Sem abrir a sepultura
Isso vai contra a lei pura
Não o posso acreditar.

CENTÚRIO
Pois como se pode sair
O velho José cansado
Tendo-o vós encarcerado
Sem ninguém poder abrir.

Se vós o não tendes visto
Como acabais de dizer
Também não posso saber
Como é que saiu Cristo.

ANAZ
Esse, alguém no-lo roubou
Certamente assim seria
Mas José de *Arimatia*
Sabemos que se livrou.

CENTÚRIO
Pois o mesmo deveis crer
Que Cristo ressuscitou
Ao tempo de amanhecer
Para a Galileia escapou.

Que vos digo que é senhor
De tudo quanto há criado
Não tardará em subir ao céu
Dos anjos acompanhado.

⁷² “mermurio”.

⁷³ “niglegentes”.

⁷⁴ “centinelas”.

Que não sei o que vos digo
Praticastes, oh *incrêus*
Uma grande crueldade
Em matar esse bom Deus.

CAIFAZ

D. Centúrio sossegai
E falai mais devagar
O que vos digo escutai
Se *mos*⁷⁵ quereis auxiliar.

Calai-vos, por caridade
E não digais essas cousas
Ainda que fosse verdade
Não são nada proveitosas.

ANAZ

D. Caifaz tem vos pedido
Silêncio nos casos tais
E eu, senhor, também vos digo
Que nisso não faleis mais.

E se vós isto fazeis
Nossas pessoas honrais
E se paga me aceitais
Pegai lá em cem mil reis.

Dá-lhe a bolsa com os cem mil reis e diz:

CENTÚRIO

Para fazer-vos serviço
Eu farei como mandais
Não é pelo que me dais
Além de ser benefício.

Mas havemos de arranjar
Que o não saiba Pilatos
Pois se sabe estes contratos
Manda-me logo matar.

Que isto vai dar que entender
E causar grande *mermúrio*⁷⁶
Pobre varão centúrio
Se te não sabes defender.

Que se chegar esta notícia
A Pilatos adiantado
Até nem ele terá justiça
Para castigar o meu pecado.

CAIFAZ

Não tenhais nenhum temor
Pois deveis *adevertir*

Que estando vós a dormir
Vos furtaram o traidor⁷⁷.

E que ao tempo que acordastes
Atrás dele fostes correr
Para o matar ou prender
E que não o alcançastes.

CENTÚRIO

Assim quero, assim faremos
Pois que também me pagais
E dúvida não tenhais
De tudo quanto falemos⁷⁸.

Juro por Deus desta vez
E por seu nome direi
Pela vara de Moisés
E pelas tábuas da lei.

Juro pelo relicário
Que no templo de Deus mora
Outra vez vos juro agora
Outra vez vos ser contrário.

CAIFAZ

Centúrio, podeis-vos ir
Vós e vossos soldados
Sede bem afortunados
No futuro que há-de vir.

Julgo que repartireis
Com eles algum dinheiro
Pois sois nobre cavalheiro
E creio que assim o fareis.

Para concordar connosco⁷⁹
No que temos combinado
Que o povo é tão rude e toco
E fica nisso acreditado.

CENTÚRIO

A minha honra me chama
E o dever do meu estado
A cumprir da nobre Alfama
Tudo quanto tem mandado.

Caifaz e Anaz dizem:

⁷⁷ Verifica-se que o autor conhecia bem o argumento de Santo Agostinho a propósito do conselho dos pontífices aos soldados “que dissessem que estando eles a dormir os soldados levaram o seu corpo” e Santo Agostinho pergunta a Sinédrio: “*Dormientes testes adibes!* Apresentais testemunhas a dormir?! (Ver lições do segundo nocturno do ofício de trevas de Sábado no antigo Breviário Romano). Isto nos fez cada vez mais acreditar que o autor era clérigo ou o tinha sido. (A.M.M.)

⁷⁸ Forma corrigida para “dissemos”. Cf. edição digitalizada.

⁷⁹ “com nosco”.

⁷⁵ Forma mirandesa. Cf. português “nos”.

⁷⁶ Forma amirandesada de “murmúrio”. Em mirandês ‘2 “mermúrio” e “marmúrio”, do verbo “mermurar” ou “marmurar”. (A.M.M.)

Ide com Deus Centúrio honrrado

Centúrio faz manobra e marcha com os seus soldados e sai Maria Madalena e diz chorando Madalena:

Oh que dor de minha dor
Muito cresce a minha dor
Que é de ti meu Redentor
Quem te levou meu rei?!...

Triste de mim que farei
Pois não vejo o meu senhor
Quem vos levou, meu amor
Quem vos levou, meu bem.

Qual não quebrasse a quem
Afligisse minha dor
Onde estará o senhor
Quem vos levou esperança.

E minha bem-aventurança
Que tanto mal me fizeram
Minhas ânsias não faleceram
Que é de ti meu bom senhor?

Ai que dor de minha dor
[Que] muito cresce a minha dor!⁸⁰

Aonde o irei buscar
Dizei-me ó celeste padre
Para que o veja sua madre
Que eu não posso descansar
Sem achar o meu senhor.

Ó sacro imperador
Dai-me resignação
Para sofrer esta dor
Que me oprime o coração.

Aparece um Anjo e diz o Anjo:

Porque choras, diz mulher
Que buscas neste lugar
Porque estás a lastimar
E esse pranto fazer

MADALENA
Porque busco o meu senhor
E não o posso encontrar
Esta é a causa de chorar
E desta tamanha dor.

ANJO
Se lhe tinhas tanto amor
Não debes assim obrar
Antes debes esperar

Que te busque o teu Senhor

Que te pode aparecer
Quando menos o pensares
Com ele próprio falares
E tu não o conhecer.

Vai-se o Anjo e aparece Cristo em figura de jardineiro e diz para Madalena:

CRISTO
Segundo a lamentação
E pranto tão oprimido
Deves ter mui afligido
E mui triste o coração.

Tens passado tantas horas
Num pranto tão afligido
Pois sendo do teu partido
Deves dizer porque choras.

MADALENA
Choro eu, triste de mim
Tenho causa e grande dor
Que meu Deus e meu Senhor
Alguém mo levou daqui.

Eu não deixo de chorar
Estes despojos mortais
Até não o encontrar
Cada vez me aflijo mais.

Jardineiro encantador⁸¹
Assim Deus te dê contento
Diz se deste monumento
Tu levaste o meu Senhor.

Dá-mo, se acaso o tens
Para eu o ter comigo
E se mo dás, eu me alegre,
Dar-te rendas e meus bens.

Ó que dor da minha dor
Muito cresce a minha dor!

CRISTO
Pois com lágrimas o provas
Para que fiques consolada
Já que o buscas contristada
Eu te vou dar suas novas

Viste no outro dia
Meu corpo frio e chagado
Agora aqui o vês sarado
Não me conheces Maria?

⁸⁰ Estes dois versos encontram-se riscados.

⁸¹ Forma corrigida para “plantador”. Cf. edição digitalizada.

MADALENA

Ó meu Deus e meu Senhor
Vi-te morto e sepultado
E agora ressuscitado
Conheço o meu Redentor.

A pena quis-me deixar
Agora em mim se conserva
Dá licença a esta serva
De teus santos pés beijar.

Ajoelha para lhe beijar os pés e diz Cristo:

Para mais a terra deixar
E te elevas contemplando
Às glórias que estás agora olhando
Não podes ainda chegar.

Desvia-se Cristo e diz:

Torna para minha mãe
E conforta teus irmãos
E não me toques com as mãos
Que ainda não subi a meu pai⁸².

Cristo desaparece e Madalena para os discípulos e diz Madalena:

Eu tenho muito prazer
Meus irmãos e alegria
Alegrai-vos neste dia
Que feliz nos há-de ser.

De certo ressuscitou
O nosso mestre verdadeiro
Figurado em jardineiro
Eu o vi e me falou
Ao romper daquele luzeiro
Quando quer romper o dia.

S. PEDRO
Dá graças Maria⁸³.

S. JOÃO
Que viste neste dia?

MADALENA
Disse-me este recado
Que fôssemos à Galileia
Todo aquele que deseja
Ser por ele visitado
Que isto muito deseja
Por cumprir as *professias*.

⁸² Repare-se que a forma “pai” rima com a forma mirandesa “mai”.

⁸³ A tradução castelhana traz a interrogação dos apóstolos em latim: *Dic nobis Maria? Quid vidisti in via?* (A.M.M.)

S. PEDRO
Dá graças Maria!

S. JOÃO
Que viste neste dia?

MADALENA
Julguei-o jardineiro
Mas vi suas chagas
Que estavam curadas
Pela ressurreição
Já estava são
Quando o sol saia.

S. PEDRO
Dá graças Maria!

S. JOÃO
Que viste neste dia!

MADALENA
Vi aquele atormentado
Que foi morto e sepultado
Vi-o já ressuscitado
E de glória coberto
Pois falou-me de certo
Quando nasceu o dia⁸⁴.

S. PEDRO
Dá graças Maria!

S. JOÃO
Que viste neste dia?

MADALENA
Vi aquele que sarava
Todas as enfermidades
Vi o mestre das verdades
Vi o rei das *jerarchias*.

S. PEDRO
Dá graças Maria!

S. JOÃO
Que viste neste dia?

MADALENA
Vi o santo mestre
Da nossa companhia!⁸⁵

⁸⁴ Não está na tradução espanhola. (A.M.M.)

⁸⁵ Esta resposta jubilosa no diálogo entre Pedro, João e Madalena é já a frase na sequência da Missa do dia de Páscoa da Ressurreição. Ver *Missal Romano*, “Dia de Páscoa da Ressurreição”, sequência atribuída a Wipo (†1050), capelão que foi na corte de Conrado II e Henrique III – Cardeal Ildefonso Schuster O.S.B. arcebispo de Milão – *Liber Sacramentorum*, Barcelona, Herder, 1958, IV, 90-91. (A.M.M.)

S. PEDRO

Cheios de confiança
Demos graças e louvor
A Deus que nos dá esperança
De ver nosso redentor.

S. JOÃO

Ó quem fosse tão ditoso
De haver sido eu o primeiro
Só por lhe dar repouso
À sua *mãe* por inteiro.

Se tal notícia levasse
Secava sua paixão
E vendo a ressurreição
Que consolada ficasse.

Pois seu filho lhe mandara
Que por filho me tomasse
Se eu agora a consolasse
Ó que prazer alcançara.

S. PEDRO

Ainda torno a buscar
O meu Deus crucificado
Posto que o hei negado
Entendo que o hei-de achar.

Vão-se todos e vai S. Pedro ao sepulcro e diz o seguinte:

S. PEDRO

Senhor de mim te compadece
Pois que tens todo o poder
Por aquele precioso rio
Que no teu lado floresce.

Pois sou por tua paixão
Remédio de meu pecado
Seja também consolado
Com tua ressurreição.

*Aparece Cristo a S. Pedro e ajoelha assim que o vê e diz
Cristo:*

A minha paz recebe amigo
Teus olhos cessem o pranto
Cobre de prazer o manto
Pois está o teu Deus contigo.

Recebe consolação
E a tua alegria avance
Sossega Pedro e descansa
Teu aflito coração.

S. PEDRO

Adoro-te Deus do céu
E suplico-te o meu perdão
De quantos vivem no chão

O mais pecador sou eu.

Pois os pecados vês
Eu mais culpado estou
Não olhes senhor quem sou
Olha tu Senhor quem és⁸⁶.

CRISTO

Tu me pedes clemência
Com a língua e coração
Toma a tua contrição
Em sinal de penitência.

As culpas novas e velhas
Eu tas perdoou em geral
Para que sejas liberal
Como eu sou com as ovelhas.

Levanta-se S. Pedro e diz:

Oh santa conversação
Quem de ti não se apartara
Porque sempre eu desejara
De te ouvir com atenção.

Oh ditoso velho ancião
Livre já de meu pecado
Estou já consolado
E tranquilo o coração.

Eu beijo com reverência
Os teus santos pés sagrados⁸⁷
Pois limpas-te os meus pecados
Com tua grande clemência.

*Vai a beijar os pés e Cristo desvia-se e desaparece e diz S.
Pedro:*

Estou cheio de alegria
Dentro do meu coração
Com esta consolação
Nos meus já cansados dias.

Vai ao cenáculo onde estão os discípulos e diz S. Pedro:

Aquela suma bondade
Do nosso Deus exaltado
Perdoou já o meu pecado
E me deu a liberdade.

Com sua liberdade
Me vestiu nova libeiria
E nos verá em Galileia
A toda a nossa irmandade.

⁸⁶ É encantadora a expressão de Pedro pescador: “Não olhes, Senhor, quem sou / Olha tu, Senhor, quem és”. (A.M.M.)

⁸⁷ E esta expressão pleonástica? (A.M.M.)

Sai Lusbel e diz:

Por todas as regiões do mundo
Haverá muitos condenados
Por seguir os meus agravos
Irão ao abismo profundo.

Soldados de minhas bandeiras
Que sim vos dais a perdição
Vinde e deixai preparada
Nossa triste habitação.

Com vossa ajuda todo o mundo
E todos quantos vivem no chão
Os faremos entrar todos
Cá no nosso caldeirão.

Sai Satanás e continua Lúcifer⁸⁸:

Oh carvões renegrados
Que sim me causais grande dano⁸⁹
Trabalhai e cairão todos
No palácio do Vulcano⁹⁰.

SATANAZ

Por todas as regiões do mundo
Tenho andado encoberto

⁸⁸ É bem patente que este diálogo entre Satanás e Lusbel sai do estilo clássico do corpo de todo o Auto e da comunicabilidade harmoniosa dos outros diálogos. E todo o longo discurso sobre a Paixão de Cristo e o seu Túmulo é invenção posterior.

Do original devem ser apenas três quadras, uma de Lúcifer e outra de Satanás contra o Sinédrio. De Lúcifer:

De sorte estou lastimando
Ainda que devo ir em pessoa
A destruir a coroa
Da eleição do senado.”

De Satanás estas duas:

Esses *pontífices* judeus
Por ser assim tão malvados
Ao inferno condenados
Irão para sempre esses sandeus
Ao aposento infernal
Baixarão sem mais tardar
Que eles não-de arrenegar

E pagar todo o seu mal. (A.M.M.)

⁸⁹ “Que sim me causais grande dano”, nova expressão popular mirandesa. Nos textos que não são de Sendim, é apenas “que me causais grande dano”, aquele “sim me causais grande dano” é afirmação pleonástica mirandesa de reforço da expressão. (A.M.M.)

⁹⁰ “bulcano”. Recorde-se que Vulcano (Hefesto na mitologia grega) era o deus romano do fogo, filho de Júpiter e de Juno ou ainda, segundo alguns mitólogos, somente de Juno com o auxílio do Vento. No Teatro Popular Mirandês ele aparece muitas associados ao Diabo.

Com meu viver profundo
Nada fiz com bom acerto
E sabes que sou teu amigo
E parto já daqui contigo
Por esse mundo a dar
Maior assombro e cuidado
Que todos hei-de atormentar.

E essa afronta de ladrões
Hei-de levar em meus pendões
Para que o mundo depois
Veja que nós sem mistério
Das guias do nosso império
Aqui não-de vir a dar.

LÚCIFER

De sorte estou lastimando
Ainda que devo ir em pessoa
A destruir a coroa
Da eleição do senado.

Contra os pontífices *inhumanos*
Açoute e raio hei-de ser
Que os hei-de fazer descer
Ao palácio do Vulcano.

Saibam que vou a vingar
O grande delito cometido
Contra o Messias prometido
Que o fizeram crucificar.

O Centúrio com cem homens
Segurava o seu túmulo
E do som das roucas trombetas
Engrossava o vento puro.

Desta maneira chegaram
Ao suplício que não desnudo
Com três rigorosos cravos
Que dos golpes dum verdugo
Ainda absortos temeram
Ali penetraram agudos.

Depois foi na cruz fixado
Com uma coroa de juncos
Que penetraram na cabeça
Daquele Messias augusto.

Então e que foi assombro
Se cobriu o céu de luto
Ali se pasmou o sol
Mortal se chorou e defunto.

E com misterioso eclipse
Contra os ordinários concursos
E os astros tão lastimados
Perderam a luz ficaram obscuros.

As pedras umas com outras

Se deram encontros duros
Rasgou-se o véu do templo
Do mais inferior ao mais sumo.

Maior que ouviram os homens
Cuja vingança procuro
Donos somos do abismo
E *solamente*⁰¹ aqui juro.

SATANAZ

Tudo isso é verdade
Eu tenho feito mil bravezas
Enredos e maranhas
Contra as suas proezas.

Esses pontífices judeus
Por ser assim tão malvados
Ao inferno condenados
Irão para sempre esses sandeus.

Para eles tenho eu no inferno
Camas bem preparadas
De sapos tigres e feras
Com chamas de fogo adornadas.

Ao aposento infernal
Baixarão sem mais tardar
Que eles hão-de arrenegar
E pagar todo o seu mal.

LÚCIFER

Pois eia, façamos assim
Que se logre nosso intento
Habitarão com nós outros
Neste obscuro centro.

SATANAZ

Vassalos nossos serão
A pena sempre por inteiro
Entraram no caldeirão
Ou pô-los de *estrofogueiro*⁰².

LÚCIFER

Pois foram assim traidores
Em Messias crucificar
Não se puderam salvar
Do abismo os mal feitores.

SATANAZ

Vamos à obscura caverna
E muito esforço faremos
Que esses dois mal feitores
No abismo os lançaremos.

⁰¹ Forma mirandesa. Cf. português “samente”.

⁰² Verificamos que esta quadra é também de origem popular e não original pelo uso do termo *strofogueiro*, que é palavra mirandesa que designa o *murilho da lareira*. (A.M.M.)

LÚCIFER

*Quedamos*⁰³ nessa razão
Para os ir destruir
E eles vendo tal traição
Já não podem resistir.

Satanás, a que aguardamos
A por a nossa enganação
Vamo-nos daqui que já
Vejo eclipsado o sol.

Que marchou, pois não teremos
Consolo mais que aflição
E assim não nos dilatemos
Porque passa de razão.

*Vai-se e saem dois peregrinos em direcção ao castelo de
“Hemaús” e diz Lucas Cleufaz:*

Oh irmão, aonde iremos
A saber do nosso Jesus?⁰⁴

CLEUFAZ

Ao castelo de Hemaús
Talvez lá nos encontremos.

LUCAS

Então vamos a marchar
Que é o caminho mui comprido.

CLEUFAZ

Para o levar distraído
Comecemos a cantar.

LUCAS

Pois então começa já
Cantando de camaradas
As doze palavras ditas
E outra vez retrucadas⁰⁵

⁰³ Forma mirandesa. Cf. português “ficamos”.

⁰⁴ O emprego da partícula “a” é o mesmo que “a procurar o Nosso Jesus” é expressão mirandesa. Onde vou eu: “a saber disto ou daquilo”. Em português quase não se usa ou não se usa mesmo. (A.M.M.)

⁰⁵ Aqui seguem as “Doze palavras ditas e retornadas”. Ainda hoje é ordem sacramental de lei as avós ensinarem aos netos de 6 ou 7 anos as “Doze palavras ditas e retornadas”, em verso, com iniciação e complemento doutrinal e que os discípulos que iam para Emaús recitam no *Auto da Ressurreição* com musicalidade, intercalando com os estribilhos.

Cantando com rara solenidade, ao longo do tablado, a caminho de Emaús. No fim de cada estrofe cantavam-se as *Duas Tábuas de Moisés*. Corre entre o povo que são treze Palavras, pois as mandei recitar a dois pequenos em 1970, na Escola Preparatória de Miranda e termina com esta quadra:

*Treze raios tem o sol
Treze raios tem a lua*

Irmão diz-me a primeira
Se a não sabes digo-a eu.

*Cantam e ajoelham no fim do verso mas vão andando e
diz Cleufaz: Junta-se Cristo com eles mas de forma que
não o vejam e diz Cleufaz:*

A primeira é Jesus Cristo
Que reina nos altos céus.

LUCAS
Agora diz-me as duas.

CLEUFAZ
Duas tábuas de Moisés
Que no Monte Sinai lhe deu
A primeira a Jesus Cristo
Que reina no alto céu.

LUCAS
Agora diz-me as três.

CLEUFAZ
Três patriarcas profetas
Abraão, Isaac e Jacob
Duas tábuas de Moisés
Que no Monte Sinai lhe deu
A primeira a Jesus Cristo
Que reina no alto céu.

LUCAS
Agora diz-me as quatro.

CLEUFAZ
Quatro evangelistas
Três patriarcas profetas
Abraão, Isaac e Jacob
Duas tábuas de Moisés
Que no Monte Sinai lhe deu
A primeira a Jesus Cristo
Que reina no alto céu.

LUCAS
Agora diz-me as cinco.

CLEUFAZ
Cinco livros de Moisés
Quatro evangelistas
Três patriarcas profetas

*Rebenta diabo
Que esta alma não é tua.*

Mas este número treze é atribuído a origem judaica e como o autor tinha que passar pela censura do *Index Expurgatório* e aqui não podia caber, porque não correspondia à gravidade do assunto nem ficava bem nele. (A.M.M.)
A forma que nos aparece no texto é “retrocadas”. Cf. edição digitalizada.

Abraão, Isac e Jacob
Duas tábuas de Moisés
Que no Monte Sinai lhe deu
A primeira a Jesus Cristo
Que reina no alto céu.

LUCAS
Agora diz-me as seis.

CLEUFAZ
Seis círios bentos
Cinco livros de Moisés
Quatro evangelistas
Três patriarcas profetas
Abraão, Isaac e Jacob
Duas tábuas de Moisés
Que no Monte Sinai lhe deu
A primeira a Jesus Cristo
Que reina no alto céu.

LUCAS
Agora diz-me as sete.

CLEUFAZ
Sete sacramentos que Jesus instituiu
Seis círios bentos
Cinco livros de Moisés
Quatro evangelistas
Três patriarcas profetas
Abraão, Isaac e Jacob
Duas tábuas de Moisés
Que no Monte Sinai lhe deu
A primeira a Jesus Cristo
Que reina no alto céu.

LUCAS
Agora diz-me as oito.

CLEUFAZ
Oito bem-aventuranças
Sete sacramentos que Jesus instituiu
Seis círios bentos
Cinco livros de Moisés
Quatro evangelistas
Três patriarcas profetas
Abraão, Isaac e Jacob
Duas tábuas de Moisés
Que no Monte Sinai lhe deu
A primeira a Jesus Cristo
Que reina no alto céu.

LUCAS
Agora diz-me as nove

CLEUFAZ
Nove coros de anjos
Oito bem-aventuranças
Sete sacramentos que Jesus instituiu
Seis círios bentos

Cinco livros de Moisés
Quatro evangelistas
Três patriarcas profetas
Abraão, Isaac e Jacob
Duas tábuas de Moisés
Que no Monte Sinai lhe deu
A primeira a Jesus Cristo
Que reina no alto céu.

LUCAS
Agora diz-me as dez.

CLEUFAZ
Dez preceitos de lei
Nove coros de anjos
Oito bem-aventuranças
Sete sacramentos que Jesus instituiu
Seis círios bentos
Cinco livros de Moisés
Quatro evangelistas
Três patriarcas profetas
Abraão, Isaac e Jacob
Duas tábuas de Moisés
Que no Monte Sinai lhe deu
A primeira a Jesus Cristo
Que reina no alto céu.

LUCAS
Agora diz-me as onze.

CLEUFAZ
Onze mil virgens
Dez preceitos de lei
Nove coros de anjos
Oito bem-aventuranças
Sete sacramentos que Jesus instituiu
Seis círios bentos
Cinco livros de Moisés
Quatro evangelistas
Três patriarcas profetas
Abraão, Isaac e Jacob
Duas tábuas de Moisés
Que no Monte Sinai lhe deu
A primeira a Jesus Cristo
Que reina no alto céu.

LUCAS
Agora diz-me as doze.

CLEUFAZ
Os doze são os apóstolos
Onze mil virgens
Dez preceitos de lei
Nove coros de anjos
Oito bem-aventuranças
Sete sacramentos que Jesus instituiu
Seis círios bentos
Cinco livros de Moisés
Quatro evangelistas

Três patriarcas profetas
Abraão, Isaac e Jacob
Duas tábuas de Moisés
Que no Monte Sinai lhe deu
A primeira a Jesus Cristo
Que reina no alto céu⁹⁶.

LUCAS
Pois irmão o bom Jesus
Não ressurge nem o vemos
Bem será que *caminemos*⁹⁷
Ao castelo de Hemaús.

Pode ser que lá saibamos
Alguma nova mais boa
Se é morta a sua pessoa
Ou viva como esperamos

CLEUFAZ
Vós irmão dizeis mui bem
Todo o dia a caminhar
E não aparece ninguém
Que se possa *preguntar*⁹⁸.

LUCAS
Para passar o caminho
Quero que me digas tu
Que sentes desse Jesus
Que em verdade não atino.

Umás vezes me parece
Sua memória e paixão
Outras vezes o coração
O sentido me escurece.

Disse que ressurgiria
Sabes que não o vemos
Como todos bem sabemos
Sem ele de nós o que seria.

Deixou-se crucificar
Entre o bom e mau ladrão
Se fosse de Deus varão
Não se deixava matar.

CLEUFAZ
Não sei Lucas que te diga
As cousas que fez este homem
Pois só em ouvir o seu nome
O vento se *amortiga*⁹⁹.

⁹⁶ Na tarde da representação o povo, embevecido, contemplava esta cena de verdadeira maravilha e encanto. O aprumo dos personagens, no seu diálogo equilibrado, nos seus gestos comedidos, e no seu canto melodioso, solene e sonoro. É a cena mais longa e a que prende mais a atenção do público, se for bem representada. (A.M.M.)

⁹⁷ Forma mirandesa, primeira pessoa do plural do presente do indicativo do verbo *caminar*.

⁹⁸ Forma mirandesa.

Quando iam navegando
Dormiu-se e ao acordar
As ondas fez sossegar
E tornou-se o vento brando enfraquecer.

LUCAS
Também Moisés dividiu
Dum golpe o rio Jordão
E com sua gente fugiu
Para a terra de Canaam.

Daniel domou as feras
Como tu sabes mui bem
David matou o gigante
Sem nenhum temor também.

Estes foram com efeito
Muito antes de Jesus
Quero que me digas tu
O que sentes em teu peito.

CLEUFAZ
Esses com virtude alheia
Fizeram as maravilhas
Mas Cristo se bem te humilhas
Com as suas se passeia.

Tu não vês como sarou
Um cego de nascimento
E com o seu merecimento
A vista recuperou.

LUCAS
É verdade o teu falar
Mas também me maravilho
Como não tem domicílio
Nem província nem lugar.

Pobre foi do seu princípio
Isto é claro como o sol
Que até sobre a terra dura
Lhe faltou a sepultura
Que lhe prestaram um lençol.

CLEUFAZ
Nisto é que eu me fundo
Que era pobre ninguém nega
Mas ele a Pilatos alega
Que não era rei deste mundo.

Pois neste mundo a pobreza
Nada tem com nossa alma
Quem ganha a celeste palma

É que tem a grande riqueza.

LUCAS
Pois se filho de deus é
Porque não o amparou
Quando orando lhe rogou
Três vezes com tanta fé.

E na cruz que disse a si
Porque não o libertava
E a seu reino o levava
Para que não morresse ali.

CLEUFAZ
Mas ele já tinha falado
Uns dias antes primeiro
Que seria num madeiro
De mãos e pés cravado.

E as vozes que ali dava
Porque assim me desamparaste
Morrer assim me deixaste
E a seu pai suplicava.

LUCAS
Justo deve ser, enfim
Por suas obras e brilho
Eu vi ressurgir o filho
Da viúva de Naim.

E satisfez tantos milhares
Com dois pães e cinco peixes
Neste milagre não deixes
Cleufaz, de bem pensares.

CLEUFAZ
É verdade o que eu digo
Não o deves duvidar
Pois viste ressuscitar
A Lázaro nosso amigo.

Nós o vimos enterrar¹⁰⁰
E que era morto conhecemos
Poucos dias há que o vimos
E nós com ele a falar.

LUCAS
Dizes bem e outro exemplo
Podemos aqui tomar
Que todos vimos rasgar
O véu que estava no templo.

CLEUFAZ
E vimos muito esqueleto
Saírem das sepulturas
Conhecidas criaturas
Amigas do nosso afecto.

⁹⁹ Enfraquecer (perder o vigor: o fogo, a luz, o vento, etc.). Arcaísmo da língua portuguesa conservado no mirandês.

¹⁰⁰ Esta quadra falta no texto de Caçarelhos. (A.M.M.)

LUCAS
Por fim, a última vez
O claro sol se eclipsou
E ao tempo que expirou
Disse "consumatum est".

CLEUFAZ
Pois com tantos movimentos
Minha fé tenho segura
Está firme não se muda
De ver os novos portentos.

LUCAS
Para dar fim à jornada
É preciso caminhar
Para podermos chegar
De dia à nossa pousada.

Cristo envolve-se com eles e diz Cristo:

Amigos que ides tratando
Que é isso que dizeis
Porque tristes pareceis
E vossos olhos vão chorando.

Contai-me vossa paixão
Que deve ser mui tirana
Pois dos vossos olhos mana
Água de coração.

CLEUFAZ
Pois vens de Jerusalém
E não ouviste contar
Quasi faz admirar
Que o não saibas tu também.

As cousas que têm passado
E as maravilhas tão justas
Parece o que *preguntas*
Que o tenhas ignorado.

CRISTO
Pois quem assim soluçar
Tem piedade e fé
Queria saber porquê
Se acaso o quereis contar.

LUCAS
De Jesus de *Nazaret*
Varão santo e gran profeta
Pessoa sábia e discreta
E rei da virtude é.

CLEUFAZ
Aqueles príncipes traidores
O prenderam e acusaram
E na cruz o encravaram
Com trombetas e clamores.

E esperamos que aquele
Segundo ele nos dizia
Que por si ressurgiria
A libertar a Israel¹⁰¹.

LUCAS
Já três dias são passados
Que sucederam as cousas
Tão enormes e copiosas
Que estamos maravilhados.

CRISTO
Pois se David dizia
Que havia de ressuscitar
Dentro do terceiro dia
Para que estais a duvidar.

Perguntai ao comerciante
Já que estais tão comovidos
Ficai em paz ó amigos
Que eu vou mais adiante.

Continua para diante e Cleufaz o detém dizendo:

CLEUFAZ
Amigo, faça favor
De connosco vir cear
É tarde para caminhar
E ficais aqui melhor.

LUCAS
Tenha a bondade de vir
Em nossa *companha* cear
Que é preciso descansar
De noite também dormir.

CRISTO
Eu tencionava passar
Adiante a outro povo
Mas por cumprir vosso rogo
Convosco quero ficar.

Quereis minha companhia
Segundo claro se vê
Ficarei por vossa fé
A fazer-vos cortesia.

Chegam ao castelo de Hemaís e diz Cleufaz para o estalajadeiro:

CLEUFAZ
Senhor, vede que chegámos
Cansados de caminhar
Mandai-nos já preparar
Algum manjar que comamos.

¹⁰¹ "Esrael".

As despesas do sustento
E o demais que se gastar
Tudo se há-de pagar
Com muito contentamento.

ESTALAJADEIRO
Sempre tenho a mesa posta
E comida preparada
Para os que andam de jornada
E para quem quiser e gosta.

O Estalajadeiro põe a mesa e diz:

A mesa já está servida
Já vos podeis *assentar*
E contas me haveis de dar
No fim de toda a comida.

“Assentam-se” os três à mesa e Cristo pega no pão e dá graças a Deus:

CRISTO
A ti graças sejam dadas
Padre meu, lá nas alturas
Que alimentas *creaturas*
E por ti são sustentadas.

Cristo parte o pão no seu costume e desaparece Cristo e Lucas e Cleufaz levantam-se da mesa e dizem:

LUCAS
Quem tanto bem nos mereceu
O que desgosto sentimos
O senhor é o que vimos
Que no pão o conhecemos.

Oh quem fosse tão ditoso
De nós dois o conhecer
Para oração lhe fazer
Com tanta bondade e repouso.

Oh senhor tão excessivo
Vós ides e nos deixais
Aqui neste sítio metido
Entre mil penas e ais.

Aonde o iremos buscar
Ó Cleufaz me dirás tu
O nosso bondoso Jesus
Que aqui se nos veio mostrar.

CLEUFAZ
Bendito seja o seu nome
Que o senhor omnipotente
Se mostrou tão claramente
Ressurgido Deus e homem

Que ignorantes estivemos

Descuidados ao revés
Ó irmãos, porque os seus pés
A beijá-los não *cheguemos*.

Como os nossos corações
Estavam quando falava
Pois que tanto os abrasava
Ao ouvir os seus sermões.

Vai-se sem pagar e diz o Estalajadeiro para os dois:

Senhores, muito me pesa
Não sei porque assim façais
Com pressa vos levantaiis
Sobressaltados da mesa.

Começar a caminhar
Sem pagar os meus dinheiros
Não é de nobres cavalheiros
Nem se pode suportar.

Façam favor de entrar
Outra vez cá para dentro
Porque temos muito tempo
De nossas contas averiguar.

Depois, podes tornar
A continuar a sua jornada
Que não lhe custará nada
De o meu dinheiro pagar.

LUCAS
Ó irmão que honrado sois
É força sobressaltar-nos
Pois vistes os três sentar-nos
E agora só somos dois.

E aqui dentro Deus me valha
Um milagre tem havido
Vedes este pão partido
E nenhum de nós tem navalha.

Esta desapareição
Fez-nos sobressaltar
Sossegue seu coração
Que não foi por não pagar.

ESTALAJADEIRO
Não é por desconfiar
Dos senhores caminhantes
Mas ainda há certos tratantes
Que se vão sem me pagar.

Pregam cada *gatáziõ*¹⁰²
Ao pobre estalajadeiro

¹⁰² Estas duas quadras não pertencem ao original e devem ter sido metidas à pressão para o estalajadeiro ter mais que dizer. (A.M.M.)

Que é peça ficar sem comida
E juntamente sem dinheiro.

Estou tão cheio de aturar povo
Que é uma coisa indecente
Estar aqui de mãos abertas
Pronto para toda a gente.

LUCAS
O seu ódio não proceda
Contra nós quanto se deve
Aí tem dinheiro, pegue
Corrente e boa moeda.

Saca dinheiro para pagar¹⁰³

ESTALAJADEIRO
De pousada, trinta reis
A tabuleta que o diga
Ora de mesa e comida
Devem-me trezentos reis.

Paga-lhe e diz o Estalajadeiro:

Já me destes o dinheiro
Agora Deus vos dê saúde
Que assim fazeis uma virtude
Que ganha o estalajadeiro.

Cada qual tem seu serviço
Para governar sua vida
Quero que o senhor me diga
Qual foi o meu benefício.

Agora podeis marchar
Que já estou satisfeito
Quando por aqui passarem
Pronto estou ao seu respeito.

LUCAS
Pago estais hóspede honrado
Em moedas correntes e boas
As nossas fracas pessoas
Prontas sempre ao seu mandado.

Vão-se ao cenáculo e o Estalajadeiro também se vai e diz Cleofaz:

CLEUFAZ
Deu-nos bem consolação
Jesus Cristo na estalagem
Vamos ver nossos irmãos
E contar-lhe esta passagem.

LUCAS
Pois vamos sem dilação

Eu também isso queria
A contar-lhe a aparição
E enchê-los de alegria.

Chegam ao Cenáculo onde estão os Apóstolos e diz Cleofaz:

Ó irmãos deixai a dor
E tomai grande alegria
Sabei pois que neste dia
Apareceu-nos o Senhor.

LUCAS
No castelo de Hemaús
Onde fomos *prenoitar*
Estando nós o ceiar
Conhecemos a Jesus.

Cada um bem firme creia
Ainda que somos muitos
E que ele nos verá juntos
A todos em Galileia.

Fala o Tonto.

A este tempo aparece Cristo no Cenáculo onde estão os Apóstolos menos S. Tomé e diz Cristo:

Seja paz com vós aqui
Meus amigos verdadeiros
Venho a ver os meus cordeiros
Como eu vos prometi.

Nunca mais vos torneis tristes
Daquele desgosto passado,
Eu sou o ressuscitado
Que na cruz padecer vistes.

Para que cesse o vosso pranto
A todos juntos vos digo
Que vivais sempre comigo
E tomai o Espírito Santo.

Aquele que seja perdoado
Por vós outros assim seja
E aquele que for condenado
Mortificado se veja.

Desaparece Cristo e vem S. Tomé ao mesmo tempo e diz S. Pedro para S. Tomé o seguinte¹⁰⁴:

S. PEDRO
Irmão sede confortado
Que vimos o redentor
Vivo sem nenhuma dor
De morto ressuscitado.

¹⁰³ Este termo “sacar” é mirandês – observação feita pelo regra em termos populares locais. (A.M.M.)

¹⁰⁴ Todo este diálogo de José e de Nicodemos com os Pontífices é tirado das *Actas de Pilatos* já citadas, cap. XII-XIV, pp. 450-462. (A.M.M.)

As mãos e pés nos mostrou
Suas chagas mui formosas
E falamos tantas cousas
Que a todos nos confortou.

S. JOÃO

Isto que te conta Pedro
Podes crer de coração
Pois a nossa salvação
Vimos e nosso remédio.

Disse-nos: “Sede confortados,
Pois eu sou o vosso mestre
E pela pena que tivestes
Sereis bem aventurados”

S. TOMÉ

Não me é justo o consolar
Sem que a minha vista o goze
Sendo eu um dos seus doze
Não me quererá deixar.

Se vós outros já o vistes
Justo é tenhais folgura
Eu sem ver sua figura
De todos sou o mais triste.

Sem minha mão apalpar
A sua chaga do lado
Eu não posso acreditar
Isso que tendes contado.

Aparece Cristo no Cenáculo e diz para S. Tomé:

CRISTO

Paz com vós sempre se dê
Como sempre se tem dado
Mas tu és desconfiado.

Diz para S. Tomé:

Porque duvidas Tomé
Chega aqui e tocarás
Com teus dedos no meu peito
Para que fiques satisfeito
Dessa dúvida em que estás.

Mostra-lhe a chaga do peito.

E este golpe da lança
Tenteia bem com a unha
Para seres testemunha
E que viva tua esperança.

S. TOMÉ

Justo é que me certifique
Que sois meu Deus e Senhor
Consentis que o pecador
Outra vez vos crucifique?

Toca o dedo na chaga do lado e diz S. Tomé:

Ó graça tão exaltada
Que ao menor a lhe repartis
Vossa chaga consentis
Que minha mão ser palpada.

CRISTO

Agora que já palpaste
A minha chaga do lado
Serás bem-aventurado
Porque vendo acreditaste.

E bem-aventurados são
Os que acreditam sem ver
Pois vos vim absolver
Com a minha ressurreição.

Desaparece Cristo e vão-se os discípulos e sai Anaz e Caifaz e Nicodemos:

ANAZ

Nicodemos, Deus vos dê
Paz, sossego e saúde
Senhor por vossa mercê
Fazei-nos uma virtude.

Que queirais por cortesia
Escrever a D. José
Pelo que dizem certo é
Que vive em Arimatia.

CAIFAZ

Três homens foram dizer
Que ali faz habitação
Nós queríamos saber
Como se livrou da prisão.

E se aquele homem que morreu
Com tormentos tão cruéis
Se é vivo como dizeis
Grande milagre se deu.

NICODEMOS

Ó bispos mui virtuosos
E discretos cardeais
O remédio dos mortais
Ressurgiu vitorioso.

ANAZ

Mas não achamos senhor
Quem nos dê essa certeza
Pelo qual muito nos presa
Não saber isso melhor.

Fazei-nos vós o favor
De escrever a D. José

Pois que vosso amigo é
Que venha por vosso amor.

A dizer-nos como é isto
Tudo quanto sucedeu
Como ele desapareceu
E se acaso vive Cristo.

NICODEMOS
Senhor sou muito contente
Em dar-vos satisfação
Vou escrever brevemente
Que há-de vir sem dilação.

Além de estar *escandalizado*
Creio que não há-de faltar
Pois em ele sendo chegado
Eu vos mandarei chamar.

ANAZ
Senhor com vossa licença
Esperamos seu mandado.

Vão-se os Pontífices e diz Nicodemos:

NICODEMOS
Deus vos guarde, bispos honrados
Eu vos vou escrever sem detença.

Sai o pajem e diz para Nicodemos:

PAJEM
Às vossas ordens senhor
Sempre pronto obedecer
E tudo quanto mandar
Brevemente hei-de fazer.

NICODEMOS
Vai buscar com que escrever
Para fazer um favor
Traz a mesa onde eu escrevia
E tudo o mais necessário
Que hoje há-de ir como *imissário*
Levar carta a *Arimatia*.

PAJEM
Sim senhor muito contente
Vou tudo já buscar
E no mais que me mandar
Serei sempre diligente.

Vai o pajem a buscar a mesa e diz o pajem:

Aqui tem senhor a mesa
Diga agora o que projecta
O papel a tinta e pena
Estão dentro da gaveta.

Falta aonde se *assentar*
Mas com muita diligência
Trarei-lhe já sem continência
Cadeira para se assentar.

*Vai o pajem por uma cadeira e põe-na ao pé da mesa, tira os
objectos da gaveta e diz o pajem:*

Está tudo preparado
Faça agora o que quiser
Se quer mandar escrever
Eu escrevo o seu ditado.

NICODEMOS
Teu bom acordo é
Pois então vai principiando
Que eu daqui te vou ditando
Ao meu amigo José.

O pajem escreve e vai repetindo a última palavra:

NICODEMOS
Paz e saúde em Jesus
Cristo ressuscitado
Nosso amor e bem amado
Os pontífices malvados
Assim como senadores
Não acreditam que Jesus
Ressuscitou nem sabem que te livrou.

Da prisão dos malfeitores
E vivendo nestes horrores
Pedem-me que venhas tu
A declarar a ressurreição de Jesus
E como foste livrado
Bem sei que estás escandalizado
Mas espero que não faltarás
A minha casa vem parar
Sem ódio e melancolia
E ambos iremos falar
Com eles em companhia
Para que vejam a infâmia
E o horror do seu pecado.

Dobra e subscrita assim:

Exmo. Snr.
D. José de Arimateia
Que meu companheiro é
No funeral do Messias.

O pajem desde que “subscrita” diz:

Pronto senhor Nicodemos
A carta já está preparada
Diga mais o que deseja
A sua pessoa honrada.

NICODEMOS

Agora toma sentido
Essa carta vais levar
E entrega-lha ao meu amigo
Que apareça sem tardar
A ver-se hoje comigo.

PAJEM

Cumprirei o seu mandado
Sem um ponto lhe faltar
A carta lhe hei-de entregar
Juntamente o seu recado.

E parto sem mais dilação
Que é mui cumprida a jornada
Em direcção a Arimateia
Que receio me causava.

*Vai-se Nicodemos e parte em direcção a Arimateia e diz
o pajem para José:*

Ó de casa, ó senhor!

JOSÉ DIZ DE DENTRO

Quem é que me está chamar?

PAJEM

Quem precisa de falar
Consigo, faça o favor.

SAI JOSÉ E DIZ O PAJEM

O meu senhor Nicodemos
Esta carta vos envia
E pede a vossa senhoria
Que na volta não tardemos.

Dá-lhe a carta e continua:

Por mim lhe manda dizer
O que nessa carta vem
Que queira comparecer
Hoje em Jerusalém

José abre a carta e lê em voz baixa e diz José:

Ele quer que vá a dizer
Aos pontífices malvados
Quem a mim me tem livrado
Da cadeia e não quer crer
Que foi Cristo ressuscitado.

Pois vamos sem dilação
Ambos juntos partiremos
A dar-lhe satisfação
Ao amigo Nicodemos.

Vão a casa de Nicodemos e este sai e diz José:

Deus vos salve e quem vos vê
Muita paz e alegria.

NICODEMOS

Agora e em qualquer dia
Bem-vindo sejais José.

JOSÉ

A vossa carta recebi
E quando acabei de ler
Não me podia deter
E logo em seguida parti.

Marchei sem mais dilação
A cumprir o vosso crer
Que para vos dar prazer
Venderei meu coração.

Nicodemos diz para o pajem:

Vai dizer a D. Anaz
Como José é chegado
Depois a D. Caifaz
Como certamente *vaz*
Da minha parte enviado.

Que logo queiram chegar
A falar com quem deseja
E que brevemente seja
Não esteja a demorar.

PAJEM

Tão rápido como o vento
Sem nada me demorar
Vou cumprir seu mandamento
E nada hei-de tardar.

Vai o pajem a casa dos pontífices e diz o pajem para eles:

Senhores, venho enviado
Por meu senhor Nicodemos
E dele trago recado
Que na volta não tardemos.

E não sei se vós sabeis
A chamada para que é
Diz que não vos demoreis
Que é chegado D. José.

ANAZ

É para nos declarar
Como da prisão saiu
E se Cristo ressurgiu
Que nos faz admirar.

Vão para onde está José e Nicodemos e diz Caifaz:

Bem-vindo José sejais

Maravilhados estamos
Como vos encarceramos
E não vos vimos já mais.

Queirais por vossa bondade
Dizer-nos pois que viemos
Da cadeia onde vos deixemos
Quem vos deu a liberdade.

José olha-os com indiferença e diz para Caifaz, Anaz:

Desgostoso está em verdade
D. José e tem razão
De vingar seu coração
E perder nossa amizade
Caifaz vede que faremos
Para que não nos caçoem.

CAIFAZ

Dizer-lhe que nos perdoem
Falai-lhe vós, Nicodemos.

NICODEMOS

D. José, não respondeis
Por causa de vos prender
Não tendes ódio no peito
Que já lhe pesa havê-lo feito
E rancor não lhe deiteis.

Imitai nosso Messias
Que nos bons mui mal parece
Respondei se vos oferece
As suas loucas fantasias.

JOSÉ

Eu senhor não poderei
Aos vossos rogos negar-me
E certo queria vingar-me
Mas por vós não o farei.

Fala para os Pontífices.

JOSÉ¹⁰⁵

¹⁰⁵ Este longo discurso de José de Arimateia parece feito por pessoa sabida. Tem algo de literário, mas não tem lógica de sequência. É pois metido a martelo posteriormente, pois quebra o sentido da quadra:

“Estando eu mui fechado
Na cadeia com tormentos
Levou-me a ver seu *monumento*
E deixou-me consolado, que liga mui bem com a
última quadra do discurso de José:
E agora se vós quereis
Os meus conselhos tomar
Os vossos podeis *despresar*
E ao fim bem me quereis.”
Pois este longo discurso intercalado entre estas duas
quadras, de mal amanhã sentido, não vem no texto
de Caçarelhos. Deve ter sido feito por um “letrado de
Sendim”. Quando? Não sabemos. (A.M.M.)

Digo-vos gente malvada
Que aquele deus que vós matastes
Tirou-me donde me deixastes
E dos tormentos em que estava.

Sua clara Ressurreição,
Foi feita como dizia
Dentro do terceiro dia
Sem haver contradição.

Estando eu mui fechado
Na cadeia com tormentos
Levou-me a ver seu *monumento*
E deixou-me consolado.

Se quereis que vos explique
Quanto é este senhor
Que foi o que substituiu
A César Imperador.

E aos três anos de Jesus
Divididos era três lustros
Apareceu em Galileia
Para admiração do mundo
Este profeta sagrado
Este chamado Jesus
Cristo Jesus do povo
Filho de Deus com sua luz.

A proporção do seu corpo
A tão igualmente dispor
A divina arquitectura
Com soberano resplendor
Que a nosso curto entender
Ele é nosso redentor.

O cabelo largo e estendido
Sobre os ombros e seu uso
Nazareno e sua cor
Daquele *saxunado* confuso
Que com túnica de esmeralda
A trajava bem incluso.

E nas formosas *macilhas*
O cândido e o purpúreo
Aparecível competência
Alasonava sempre junto.

Dividia estes campos
Em linhas de seu descuido
Mas com cuidados tão grandes
Ou com descuido tão culto
Que ouvindo dos seus extremos
Deu perdição ao seu uso.

De duas folhas de craveiros
Os lábios castos e puros
Mui prevenidos de sangue
Por ele ter que perder muito

E a cor de seu cabelo
Cor de ouro e não reputo.

A formosa barba sempre partida
Tão liberal sempre andava
Que a iluminava as estrelas
Quando para elas olhava.

A túnica que trazia
Digo que foi feita a medida
Nos anos da sua infância
Por sua *mãe* Santa Maria
Com a pequenez do corpo
E na idade robusto
Crescia e ia obedecendo
A vestidura ao seu vulto.

Crescendo com ele tal era
A companhia que tão pronto
Como se a alma tivera
Não quis deixar um só ponto.

E *consutil* lhe chamava
Porque não tinha costura
Que raro e celestial milagre
Nunca visto na candura.

Trazia os pés descalços
Porém tão limpos e puros
Como se passasse sempre
Por lírios de campo seguro.

E agora se vós quereis
Os meus conselhos tomar
Os vossos podeis *despresar*
E ao fim bem me querereis.

NICODEMOS
Esta é a pura verdade
Escusado é *preguntar*
Que fizestes gran maldade
Não tendes que duvidar
Se o quereis interrogar
Ainda tem provas melhores
Se acaso não acreditais.

CAIFAZ
Só pedimos que queirais
Perdoar nossos horrores
Deus fique com vós senhores.

Vão-se os Pontífices e diz Nicodemos:

Ide com Deus traidores.

José e Nicodemos vão ver o sepulcro e diz José:

Oh sepulcro singular
Da nossa vida e memória

Oh que triunfo e vitória
Ao mundo vieste a dar
Oh mistério exemplar
Ó sepulcro do meu Deus
Aonde veio edificar
O grande palácio dos céus.

NICODEMOS
Eu não me enfado de olhar
Este santo monumento
Em o qual foi Deus contento
De querer-se sepultar.

De certeza tenho sido
E contigo sempre fé
Pois o meu parecer é
Que serei bem sucedido.

*Vão as Marias ver o sepulcro e vendo a José e Nicodemos diz
Madalena:*

Aquela paz do senhor
Ela conosco seja
Que no seu reino nos veja
Pois que nos tinha tanto amor.

Vós José que atormentado
Fostes pelo seu amor
Certo sereis do Senhor
Mui bem recompensado.

JOSÉ
Sim me tiveram cativo
Os pontífices mal feitores
Mas *librou-me* nestas dores
O morto que já é vivo.

MADALENA
A ele demos louvores
E lhe prestemos serviços
Pois tirou de mim os vícios
E guarneceu-me de flores.

NICODEMOS
Oh quem tivera potência
Para graças estar dando¹⁰⁶
Continuamente e louvando
Na sua divina presença

Aparecem também os peregrinos a ver o sepulcro.

LUCAS
Deus vos salve e dê repouso!

¹⁰⁶ Este é o último verso que, nesta versão, se encontra dactilografado. A partir daqui seguimos o texto acrescentado e deixado manuscrito por António Maria Mourinho.

JOSÉ

E a vós vos dê prazer
Porque viestes a ver
O monumento precioso.

LUCAS

Quando íamos no caminho
Do castelo de Emaús
Apareceu-nos Jesus
Em traje de peregrino.

CLÉOFAS

Só o reconhecemos
Quando nos partiu o pão
E esta consolação
Nunca mais a esqueceremos.

NICODEMOS

Pois já todos temos visto
A este Santo lugar
Vamos todos a marchar
P'ra Galileia a ver Cristo.

*Saem todos de suas casas e perfilados no tablado cantam
com a música popular de toda a região.*

Bendita e louvada seja
A Ressurreição Sagrada
Ressuscitou Jesus Cristo
Domingo de madrugada.

Ressuscitou glorioso
Com prazer e alegria
Logo foi a visitar
A Virgem Santa Maria.

Morreu e ressuscitou
Da Sexta para Domingo
Nesse tempo foi tirar
As almas fora do limbo.

Aleluia e Aleluia
Aleluia com prazer
Ressuscitou Jesus Cristo
Para nunca mais morrer.

RETIRAM-SE

FIM.